UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

UM INTELECTUAL A DERIVA:
O PADRE IBIAPINA E AS ARTICULAÇÕES INTELECTUAIS NO NORDESTE OITOCENTISTA

NOEMIA DAYANA DE OLIVEIRA

CAMPINA GRANDE
FEVEREIRO DE 2017.

UM INTELECTUAL A DERIVA
O PADRE IBIAPINA E AS ARTICULAÇÕES INTELECTUAIS NO NORDESTE OITOCENTISTA

NOEMIA DAYANA DE OLIVEIRA

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do titulo de Licenciado em História.

Orientador (a): Dr. João Marcos Leitão Santos

Campina Grande

2017

Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

NOEMIA DAYANA DE OLIVEIRA

UM INTELECTUAL A DERIVA: O PADRE IBIAPINA E AS ARTICULAÇÕES INTELECTUAIS NO NORDESTE OITOCENTISTA

Monografia Avaliada em 16/02/2017 com o conceito 9,0

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Dr. João Marcos Leitão Santos

Examinador interno: Dr. José Benjamin Montenegro

Examinador externo: Dr. Edson Heli Silva

À Rosita e ao Socram

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho a minha mãe, mulher de garra e de coragem, que muito me ensinou e ensina a trilhar os árduos caminhos da vida.

Agradeço e dedico também este trabalho ao companheiro valente de vida e de lutas, que conheci nas encruzilhadas da militância estudantil e que até hoje compartilha comigo as alegrias e as amarguras do dia-a-dia.

Agradeço especialmente ao meu orientador por sempre ter confiado e acreditado no meu trabalho, incluindo, principalmente, as vezes que intensificou as forças e reavivou o meu ânimo para continuar seguindo.

Aos meus amigos queridos, de longas datas e também de poucos tempos, aqueles que já passaram e que não vejo mais e aqueles que estão e que logo partirão. AGRADEÇO a todos pelas contribuições e pelas experiências que pude vivenciar com vocês.

E por fim, mas não menos importante, aos familiares que constituem a minha vida, por vezes, apenas como referência, mas essenciais para minha relação com os outros e o meu estar no mundo. Foi através da ligação com vocês que eu consegui perceber o que queria e O QUE NÃO QUERIA das gerações passadas em mim.

Risquei um pequeno círculo
Dentro dele me meti
Para escapar ser lembrado
Com cuidado me escondi

No centro da caridade
Coloquei minha existência
No meu ministério ocupado
Cercado da inocência

Passei os dias olhando
Para o mundo com temor
Procurando escapar aos males
Que cercam ao pecador

E vi que Deus protegia
A causa que eu defendia
Por aí vi que era dele
A vida que eu seguia
Escapei a grandes males
E se grandes bens não fiz
Não foi por me faltar Deus
Fui eu mesmo que não quis

É disso que me pesa
Não fazer quanto podia
Tendo sempre em meu favor
O bom Jesus e Maria

Pudesse eu agora
Fazer todo dia bem
Em favor da humanidade
Que chora porque não tem

Faço esta confissão
Antes de ir à sepultura
Agradecendo os bens de Deus
A esta vil criatura

(**Padre Ibiapina**)

RESUMO

O século XIX tem despertado nos últimos anos muitos estudos da História e de outras áreas do conhecimento, que tem percebido o quão relevante ele é para se compreender as identidades regional e nacional do Brasil. Em termos políticos e sociais, o século abarcou diversas manifestações (sejam elas a nível micro e macro) que se dispuseram como um verdadeiro laboratório para definir as opções escolhidas, as ideologias seguidas e as transformações ocorridas posteriormente. Esse período sugeriu também figuras que são colocadas ainda hoje como mártires, a exemplo de Frei Caneca e tantos outros que estiveram, em algum momento, no centro das atenções dos brasileiros. Dentre esses personagens, vale ressaltar o Padre Ibiapina, que embora esteja em escalas diferenciadas de apreciação por parte dos historiadores, mereceu e ainda merece atenção dos estudiosos que se debruçam sobre os estudos do Catolicismo Popular e as Missões Católicas no interior do país. Contudo, os estudos desenvolvidos inibem as suas articulações intelectuais, seja como religioso ou como político, advogado, juiz (cargos que exerceu durante a sua vida). Nesse sentido, objetivamos analisar quais foram as suas manifestações intelectuais e como isso influenciou diferentemente na personalidade de missionário a qual relegaram para ele. Baseado nos estudos da História Intelectual articulou-se as falas do personagem ao contexto em que ele esteve inserido, não deixando de frisar a sua rede de sociabilidades e qual papel elas desempenharam frente a sua caminhada intelectual.

Palavras-chave: Ibiapina; Oitocentos; Catolicismo; Intelectual; Sociabilidades.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

CAPITULO I

1. *"No Centro da Caridade Coloquei Minha Existência":* Vida e Obra do Padre Ibiapina (1806-1883) 15

1.1 A infância e as instruções primárias (1806-1824) 19

1.2 Os estudos avançados (1824-1832) 22

1.3 Magistratura, assembleia legislativa e advocacia (1833-1850) 25

1.4 A vida religiosa (1853-1883) 27

CAPÍTULO II

2. *"Passei os dias olhando para o mundo com temor":* Isolamento social e influências intelectuais do Padre Ibiapina 29

2.1 O isolamento social 33

2.2 A rede de relacionamentos em Pernambuco 37

2.3 Ordenação eclesiástica e vinculação de Ibiapina ao bispo Dom Perdigão 40

CAPÍTULO III

3. *"E vi que Deus protegia a causa que eu defendia":* Atuação sócio-religiosa do Padre Ibiapina 39

3.1 Intelectulidade e Catolicismo 45

3.2 O ambiente social e as articulações intelectuais do Padre Ibiapina 50

3.3 Ordem, linguagem e intelectualidade 55

CONSIDERAÇÕES FINAIS 61

REFERÊNCIAS 64

INTRODUÇÃO

O Padre Ibiapina, objeto dessa pesquisa, está nos diálogos construídos pela Historiografia, Antropologia, Educação, Sociologia e outras áreas do conhecimento das Ciências Humanas com muita recorrência, apresentando, de certa forma, como a sua trajetória e os seus feitos foram relevantes para a História do Nordeste e também do Brasil. No entanto, com a mesma recorrência que ele aparece nos estudos mais atuais e nos mais antigos, é o mesmo que impulsiona os estudos para isolar as andanças que ele fez pelo interior do país, da sua vida profissional e intelectual mais ampla e mais plural que ele teve. Ou seja, o cearense José Antônio de Pereira Ibiapina que é lembrado apenas pela sua condição de padre, obteve antes disso outras instruções e atuou em outras esferas da sociedade, como por exemplo, a política legislativa durante as regências.

Os diversos estudos que surgiram desde os últimos anos de vida desse personagem, até aqueles que foram defendidos e/ou apresentados nas Academias do país afora, não se cansam de relembrar as atividades e obras construídas por Ibiapina durante os anos de 1860 a 1883. Deve ressaltar que neste ano último, o padre veio a falecer na cidade de Arara/PB, onde ainda se encontra enterrado e é recordado com os mesmos vícios da mistificação dos anos em que viveu. O que se verifica nessas produções é a insistência em repensar, de diversas maneiras, o método de ensino e trabalho desenvolvido por Ibiapina e como este foi incisivo para a realidade de muitos homens e mulheres carentes.

O fato é que pensar apenas um terço da vida do padre missionário não pode se estender como uma ação capaz de compreender a vida mais complexa e diferenciada desse personagem. A biografia, esse gênero textual que se debruça sobre as experiências de um indivíduo, requer muito mais que os "anos dourados" da vida de alguém. No caso aqui analisado, o período que totaliza exatamente vinte e três anos da construção das Casas de Caridade, hospitais, igrejas, escolas e outras obras que proporcionaram a ação de políticas públicas inexistentes nas províncias do Nordeste, não esclarece os outros percursos trilhados pelo Padre Ibiapina, nem muito menos o motivo que o levou a se "isolar" até os últimos momentos de vida no interior, contrariando as diversas possibilidades que se colocaram para ele.

Sabe-se que antes mesmo de se tornar esse padre itinerante, Ibiapina havia passado um período no Seminário de Olinda recebendo instruções dos padres

influenciados pelas ideias iluministas, depois no Convento da Madre de Deus com os padres Oratorianos e ao final dessa primeira temporada religiosa, no Seminário de São Bento. Esse foi o tempo da sua juventude, a mesma que o impulsionava a ser padre, mas que o levou a cursar o bacharelado em Direito na recém-fundada Faculdade do Recife. Os motivos que o desviram do objetivo inicial – ordenar-se padre – foram inúmeros, e não caberia numa biografia que se dedicasse somente a verificar as instruções que ofereceu e as obras que desenvolveu durante as suas peregrinações. Além disso, Ibiapina não se firmou como advogado ou qualquer outra prática que o aproximava disso, tornando-se posteriormente político e, somente em 1853, Vigário Geral da Diocese de Olinda Recife. Dito de outra forma, as trilhas vividas por esse personagem não são facilmente identificadas em suas missões, pelo contrário, elas se tornam até invisíveis se forem vistas inversamente no tempo. Como numa sucessão cronológica, a vida do Padre Ibiapina ganha estrutura na medida em que avança no tempo e no desenrolar dos acontecimentos.

A forte concepção de mito e/ou santo que se firmou ao redor do missionário influenciou e ainda influencia as produções historiográficas mesmo que estas não sejam as únicas a se utilizarem, talvez sem perceber, o quão reprodutoras são do discurso criado em torno do Padre Ibiapina e das suas andanças pelos sertões. O que sobressai são as suas ações como um líder religioso, um intelectual a frente de seu tempo e merecedor de reconhecimento por parte daqueles que estejam de alguma maneira ligados a História do Nordeste e do Brasil. Sabe-se hoje que o enaltecimento sem críticas a qualquer personagem ou evento histórico torna a escrituração um lugar de memória dos vencedores dominantes, privilegiados, e esse não é mais o estilo que se vivencia nas academias. E ainda que outros estudos efetivem as críticas e as adequações necessárias às atividades de Ibiapina, estas ainda não foram suficientemente possíveis para desvendar os anos iniciais da sua vida.

Diante disso, verifica-se a necessidade das Ciências Humanas, especialmente a História e a Historiografia, compreender quais foram as outras experiências vividas pelo Padre Ibiapina, tendo em vista que ele esteve inserido num grupo social privilegiado do Império, mas por razões ainda desconhecidas, não se aventurou a permanecer no protagonismo social dos eventos da região e do país. A relevância dessa compreensão se associa a exigência metodológica de perceber o objeto em sua horizontalidade, e somente a partir disso, verticalizar os conhecimentos, tornando-os conectados aos seus propulsores e/ou motivadores iniciais.

A esse motivo se liga precisamente a justificativa da presente pesquisa, que resulta de estudos-piloto acerca da trajetória social do Padre Ibiapina, personagem intrigante na História do Nordeste e do Império, expresso nas informações ofertadas anteriormente. Através do conhecimento (superficial) das mudanças ocorridas na vida intelectual e pessoal desse homem, investiu-se nos estudos acerca das atividades intelectuais, mais especificamente como teólogo e jurista, com a intenção de ampliar a percepção acerca das ações que ele executou durante esse período, conectando-as ao contexto do Catolicismo no Pernambuco e do Clero local.

Além disso, nota-se o vácuo na Historiografia pernambucana sobre o catolicismo que leva a inexistência de questões acerca das ações de outras esferas da sociedade oitocentista, como a política e a própria cultura formal e erudita. Para perceber as nuances sociais ocorridas no século XIX é necessário, portanto, entender como se deu o trabalho do Catolicismo e dos indivíduos que estiveram envolvidos com ele. Sendo assim, iluminar (no sentido aqui de perceber, tornar claro, compreensível) a atuação eclesiástica-intelectual do Padre Ibiapina é notar também outros aspectos sociais da época e do espaço citados. Desse modo, objetiva-se analisar a rede de sociabilidades religiosa e intelectual desse personagem, tendo como ponto de partida a sua formação plural, seguido da compreensão sobre o cenário da Igreja em Pernambuco, especificamente durante a sua liderança.

A pesquisa será então dividida em três capítulos que desenvolvem detalhadamente os objetivos explicitados acima. Essa escolha não foi feita de forma aleatória, ao contrário disso, realizou-se uma pesquisa primária que lançou os tópicos através de questionamentos levantados sobre a trajetória social, política, jurídica, filosófica, religiosa e pessoal do Padre Ibiapina. Delinearam-se percepções que são ainda, incipientes, porém encorajadoras para futuras pesquisas sobre esse personagem.

Optou-se assim pela pesquisa documental, tendo em vista que os suportes encontrados para esclarecer as problemáticas são essencialmente (devido o temporalidade) arquivístico e textual, de natureza pública e origem religiosa. As referências e opções teórico-metodológicas são a da História Social, com ênfase na História Intelectual. Utilizou-se ainda das colaborações da Biografia, esse gênero textual que muito tem a ensinar aos historiadores do tempo passado e do presente. Confirmou-se ainda a necessidade de recorrer as orientações da Escola Italiana de História das Religiões, que forneceu a base histórico-comparativa para compreender o fenômeno aqui analisado.

Para melhor perceber as escolhas adotadas a pesquisa se estruturará da seguinte maneira: No primeiro capítulo, intitulado *"No Centro da Caridade Coloquei Minha Existência": Vida e Obra do Padre Ibiapina (1806-1883),* serão desenvolvidas reflexões biográficas que reforçam a precisão de incluir na historiografia a formação intelectual, as relações sociais e as atuações profissionais antes e durante a ordenação eclesiástica desse personagem ao longo da vida. Para tanto, optou-se por dividir o capítulo em quatro momentos – a infância e as instruções primárias (1806-1824), os estudos avançados (1824-1832), a atuação legislativa e a advocacia (1832-1850) e a atividade eclesiástica (1853-1860). Relacionado a isso, uma revisão bibliográfica como fonte secundária em biografias de Ibiapina e nos relatos que foram publicados na imprensa acerca da sua trajetória, ambos inter-relacionados com as informações obtidas nos estudos-piloto mencionados anteriormente. Tendo em vista que o personagem aqui descrito se tornou uma das figuras mais percebidas no Império brasileiro, recorreremos aos métodos de análise histórico-comparativo da História das Religiões.

O segundo capítulo, *"Passei os dias olhando para o mundo com temor": Isolamento social e influências intelectuais do Padre Ibiapina (1850-1853),* investir-se-á no método histórico-comparativo, uma vez que o objetivo é o de situar Ibiapina no cenário intelectual pernambucano oitocentista, inclusive após sua ordenação eclesiástica no ano de 1853, ocorrida na província de Pernambuco, sob os auspícios de Dom João Marques Perdigão, bispo diocesano. Essa preferência se deu por serem poucos os relatos sobre a reclusão do padre durante 1850 a 1853, sendo as informações biográficas apenas afirmativas a respeito da decepção com experiência jurídica. Portanto, serão colocadas em perspectiva as impressões recolhidas do universo pessoal do personagem, associando-as ao contexto sócio religioso pernambucano, tendo em vista que a amplitude do movimento e da Igreja Católica no Brasil farão o diferencial nas conclusões.

Diante do exposto acima decidiu-se dividir o segundo capítulo em três tópicos: o isolamento social, a rede de relacionamentos em Pernambuco e a Ordenação e vinculação ao bispo Dom Perdigão. Esses títulos fazem alusão as inscrições que deverão seguir nesse bloco, uma vez que elas serão feitas de acordo com a observação e orientação dos dados coletados. Por isso, achou por bem comparar os cenários católicos brasileiros, especificamente o pernambucano e o seu ambiente intelectual, buscando neles as diferenças e as semelhanças com o nacional. Ao passo que se elegeu o Padre Ibiapina como representante desse horizonte, acreditando que através dos indícios

presentes nas suas escrituras e nas diversas produções textuais e não textuais feitas sobre ele serão capazes de personalizar esse ambiente histórico ainda inexplorado.

O último capítulo, *"E vi que Deus protegia a causa que eu defendia": Atuação sócio-religiosa do Padre Ibiapina (1853-1860),* apresentará a articulação intelectual do personagem, suas matrizes de pensamento, atentando para as outras informações que antecederam esse tópico e que contém a base informativa e contextual para o fechamento do objetivo principal da pesquisa. Esse bloco, não mais importante que os outros, busca fornecer elementos para as produções historiográficas e o incentivo para penetrar nas entrelinhas da vida e das atividades do missionário, acreditando que serão elas as responsáveis por fornecer reflexões sociais e históricas ainda maiores que aquelas apresentadas e reapresentadas nos estudos sobre a sua peregrinação nos sertões. Objetiva-se analisar a formação intelectual de Ibiapina, tendo em vista a diversidade de ambientes que transitou durante o Império que o fizeram optar por uma Ordem, centro de suas escolhas políticas e orientações sociais, transparentes em todos os seus escritos.

As reflexões que se levantarão nesse capítulo serão fundamentadas pelas correspondências expedidas para as autoridades civis, oficiais e eclesiásticas naqueles anos, bem como os textos biográficos que eram produzidos nos momentos mais difíceis de sua vida. Ampliar-se-á a classificação das fontes, remetendo-as a um exame mais detalhado sobre a origem e a natureza tipológica, de modo que elas possam fornecer subsídios concretos para avaliar o prestígio religioso que Ibiapina possuía diante do cenário pernambucano. Além disso, essas ponderações servirão também para lançar mão do motivo que o levou a abdicar de todas as funções públicas, tornando-se sacerdote na intenção de manter-se distante de qualquer máquina burocrática do Império.

A divisão do capítulo será feita de acordo com a precisão de esclarecimentos sobre o contexto histórico, e mais especificamente, os espaços de formação e profissão. Portanto, os tópicos serão Breviário sobre a História Intelectual, Catolicismo e Intelectualidade e Ideologias Sócio-religiosas e Políticas. Vale ressaltar que todos eles serão observados pelos ângulos da História Intelectual, pois assim chegar-se-á em resultados e/ou interpretações substanciais sobre a vida e as atividades do Padre Ibiapina.

Sabe-se que os resultados que se buscam alcançar com essa pesquisa não serão suficientes para findar as perguntas e as preocupações sobre essa figura emblemática. Contudo, se faz necessário lançar luzes sobre outros momentos e aspectos de sua vida

social e religiosa, uma vez que é através disso que se poderá avançar sobre as investigações históricas desenvolvidas sobre ele até hoje. Nota-se que o objetivo central aqui almejado não é de todo o mais ostensivo, talvez resida nisso o diferencial, ou seja, perceber que nos pequenos fragmentos de vida e de experiência religiosa desse indivíduo existem detalhes significativos para diversas interrogações. Dito desse jeito soa como se a pesquisa se debruçasse sobre uma fração e dela extraísse e colocasse à disposição da Historiografia respostas para todas as verificações já disseminadas. Ao contrário, vislumbraram-se pedaços interligados e dispostos em um conjunto articulado de vida e de performance, que resultam nos setenta e sete anos de jornada e de experiências concretas do padre.

A pesquisa, portanto, lança um convite a todos e a todas que se interessam ou que se dispuser a conhecer a trajetória intelectual de Ibiapina em seus diferenciados cargos públicos e, principalmente, religioso. Acredita-se que através dos diálogos historiográficos travados aqui e em outros que daqui surgirem, avançará as perspectivas e os esclarecimentos sobre a História da Igreja Católica, a História do Pensamento Social do Nordeste e, verticalizando as visões, os caminhos percorridos por esse personagem. Passo a frente e mãos à obra.

CAPÍTULO I

"No centro da caridade coloquei minha existência": Vida e Obra do Padre Ibiapina (1806-1883)

O Padre José Antônio de Maria Ibiapina despontou no cenário nacional brasileiro na segunda metade do século XIX, mais especificamente em 1860. Essa data remete ao início de suas missões pelos sertões do Norte, quando começou a erguer Casas de Caridade e outras obras sociais para beneficiamento dos necessitados. A extensão de seu trabalho rendeu muita popularidade e interesse, principalmente daqueles que acreditavam nele como um indivíduo capaz de atuar e transformar a condição precária em que se achavam os seus seguidores, como também os que vislumbravam nele um sacerdote diferenciado dos demais, dito de forma mais ousada – o pioneiro dos movimentos messiânicos[1].

A atuação desse personagem rendeu diversas produções biográficas, seja no decurso de suas missões, seja após a sua morte, em 1883. Devido a diferenciação na perspectiva propositiva, científica e narrativa, esses relatos devem ser compreendidos de acordo com as classificações de biografia sugeridas por Borges (2008), que afirma existirem pelo menos dez subcategorias em suas diferenciadas possibilidades de pesquisa e/ou produção. A biografia, portanto, é um gênero textual que propõe narrar a vida de uma pessoa nos mais detalhados aspectos, caracterizando minuciosamente as fases etárias, as atividades que desenvolveu, as relações pessoais que travou e, se for o caso, a sua morte. Faz-se necessário compreender ainda que a biografia pode ter autoria em duas dimensões: o próprio biografado ou a autobiografia e um escritor-narrador ou a biografia. Nesse caso, não consta autobiografia do Padre Ibiapina, exceto textos de sua autoria que relatam passagens de sua vida, muito próximas a escrita de um diário.

Não faltaram biógrafos que se debruçassem sobre as experiências pessoais e sociais do peregrino, de modo que acentuaram e perpetuaram na memória das gerações posteriores os seus feitos. Contam-se mais de quinze textos biográficos sobre ele, autores cearenses e paraibanos, que escrevem de acordo com os seus lugares sociais e

---

[1] Como conceitos abrangentes e genéricos, messianismo e movimento messiânico são necessariamente típico-ideais, no sentido de se referirem à realidade observável mas não a reproduzirem ou esgotarem, e isto mesmo no caso em que os autores entendam seus conceitos como tipos empíricos. Desta forma, o primeiro deles diz respeito à crença em um salvador, o próprio Deus ou seu emissário, e à expectativa de sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça; o segundo refere-se à atuação coletiva (por parte de um povo em sua totalidade ou de um segmento de porte variável de uma sociedade qualquer) no sentido de concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas (QUEIROZ *apud* NEGRÃO, 2001, p. 119).

suas influências ideológicas. É verdade que esses autores possuem divergências quanto as vivências do biografado, mas que não afetam na constituição das informações contidas em seus textos.

O primeiro deles é o professor cearense Bernardino Gomes de Araújo[2], que foi redator do Jornal *A Voz da Religião no Cariri*, organizado pelo Padre Ibiapina entre os anos de 1868 e 1870. A partir do segundo ano de circulação do periódico, ele resolveu escrever sobre as missões, verificando credibilidade e divulgação ao trabalho do missionário. Esse documento clássico foi e é importante para as outras produções, devido a sua característica de contemporaneidade com o biografado. Foi intitulada de *História das Missões no Cariri Novo,* com o objetivo de informar aos leitores e aos seguidores como se desenvolviam as peregrinações, mas especificamente de ilustrar e tornar pública a vida do personagem.

A segunda produção é também de autoria cearense, do advogado, escritor e primeiro presidente do Instituto do Ceará, Paulino Nogueira[3]. Menciona-se seu texto como a primeira biografia do Padre Ibiapina, uma vez que ela recolheu mais informações, sistematizando-as e publicando-as na Revista do Instituto em 1888. Poucos anos depois da morte do padre essa pesquisa serviu também para embasar as outras biografias que surgiram posteriormente na virada do século. Esse biógrafo

---

[2] Bernardino Gomes de Araújo nasceu a 15 de Maio de 1811, na fazenda Riacho das Pedras, Riacho do Cun-dahú, freguesia de Arneiroz, sertão dos Inhamuns. Foram seus pais o Capitão Bernardino Gomes de Andrade e Dona Josefa de Araújo Pereira. Em 1837 tendo vindo para Fortaleza a convite do Tenente Coronel Thomaz Lourenço, fez concurso para o professorado primário e foi provido na cadeira de Missão Velha. [...] Bernardino Gomes de Andrade foi um dos signatários da Ata do Grande Conselho, que a 26 de Agosto proclamou a Republica em Fortaleza (1824) e tomou parte no movimento político de 1842. Com data de 22 de Novembro de 1862, o Marquês de Olinda expediu ao presidente José Bento um reservado indagando quais os habitantes do Ceará que se fizeram notáveis por serviços na epidemia da cólera morbus, entre as pessoas citadas pelo presidente em seu ofício de 12 de Janeiro do ano seguinte figura Bernardino Gomes. Foi o homem que ali (Missão Velha) mais se distinguiu durante a quadra epidêmica pelo seu zelo e pelos seus serviços pessoais como curandeiro e enfermeiro. A comissão dispensou-o, porque nem tinha o zelo, nem a capacidade daquele, a quem a mesma comissão arbitrou vencimento igual ao que o outro percebia. Mas Bernardino de Araújo, posto que pobre, quando findou sua comissão, resignou todos os seus vencimentos em proveito de um cemitério, que começou-se a fundar na povoação. A comissão de socorros faz-lhe os maiores elogios e com razão, porque quase todos os curandeiros pediam avultadas quantias por seus serviços (In: Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense do Barão de Studart).

[3] Paulino Nogueira Borges da Fonseca nasceu em Fortaleza, 27 de fevereiro de 1841, filho de Francisco Xavier Nogueira e Maria das Graças Nogueira. Bacharel pela Faculdade de Direito de Olinda (turma de 1865). Advogado em Fortaleza e no Rio de Janeiro. Desembargador do Tribunal de Apelação do Ceará. Secretário de governo da Bahia. Diretor-geral de Instrução Pública do Ceará, Professor de Latim e Diretor do Liceu. Deputado-geral, Vice-Presidente e Presidente Interino da província do Ceará. Provedor da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza. Jornalista, redator da "Constituição". Fundador e primeiro Presidente do Instituto do Ceará, em cuja "Revista" publicou trabalhos de pesquisa de grande envergadura sobre Presidentes do Ceará; Execuções de Pena de Morte no Ceará; O Padre Francisco Pinto; Vocabulário Indígena e outros temas de profundidade. Morreu em Fortaleza em 15 de junho de 1908. (In: 1001 Cearenses Notáveis de F. Silva Nobre).

diferencia-se do primeiro por utilizar de outra linguagem narrativa, o que não afetou a construção do estudo, baseado em documentos e depoimentos de Ibiapina, como também nos escritos de Bernardino, típico da tradição historiográfica e biográfica da geração dos Institutos Históricos e Geográficos brasileiros.

O terceiro é o cônego José Paulino Duarte[4] que foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, portanto, mais próximo do primeiro biógrafo de Ibiapina, isto é, em termos narrativos, ambos se utilizam da escrita apologética do documento. Valeu-se dos documentos encontrados na Casa de Caridade de Santa Fé/PB, onde viveu o personagem seus últimos anos de vida e foi enterrado. Na época da primeira publicação do cônego, em 1905, a Casa dispunha de rico acervo e pertences ainda muito impregnados do cotidiano do biografado. A segunda publicação, um ano depois, foi o resultado do restante de informações coletadas anteriormente.

O quarto biógrafo na escala temporal foi o deputado Celso Mariz[5], e assim como os outros dois também foi filiado a uma geração dos Institutos Históricos e Geográficos. Sua produção intitulada *Ibiapina: Um Apóstolo do Nordeste* teve sua primeira edição em 1942 e a segunda em 1980. Contou com prefácio de Gilberto Freyre e consta como a mais conhecida biografia do Padre Ibiapina. Incentivado por José Veiga Júnior que o deixou encarregado de finalizar a pesquisa que havia começado em Santa Fé/PB, Mariz assume o desafio e resolve escrever a história desse personagem, contornando as lacunas existentes nos trabalhos anteriores e se propondo a despontar como estudo referência. Sabe-se hoje que foi a única biografia escrita por Celso Mariz, pois se dedicava inteiramente aos estudos políticos, sociais e históricos.

O quinto biógrafo, Manuel do Nascimento Fernandes Távora[6], foi associado do Instituto do Ceará e teve seu texto publicado pela Revista do órgão em 1952, intitulado

---

[4] José Paulino Duarte da Silva nasceu no Rio Grande do Norte em 1847, onde atuou como cônego, assim como também na Paraíba. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba. Morreu em 1936. (In: Trabalho, pobreza e caridade de Osicleide de Lima Bezerra).

[5] Ele nasceu em 17 de dezembro de 1885, numa pequena propriedade rural, na área municipal de Souza/PB. Estudou numa instituição religiosa em João Pessoa/PB, adentrando depois nos estudos sobre jornalismo. Fundou o jornal *A Notícia*, mas se firmou entre os donos do poder através dos cargos de Presidente da Secretaria da Assembleia Legislativa, Deputado Estadual e Secretário de Estado. Foi filiado ao IHGP, consequentemente, historiador *ad hoc*, cujas produções servem como referência para os estudos sobre a História da Paraíba (In: Sobre Celso Mariz de Roberto Jorge Chaves Araújo).

[6] Nasceu em Jaguaribe/CE, 21 de Março de 1877, filho de Joaquim Antônio do Nascimento e Clara Alves Negreiros Fernandes Távora. Cursou Medicina, formou-se em Farmácia, radicou-se na Amazônia com a finalidade de trabalhar, especializando nesse período em Otorrinolaringologia. Estabeleceu-se em Fortaleza e foi professor do Colégio Militar. Militou no jornalismo, fundou *A Tribuna* e escreveu em jornais do Acre, Amazonas e Pará. Orador de grandes recursos, ingressou na política, foi Deputado Estadual e Federal, assim como Senador; fundou o Partido Republicano Cearense e chefiou a campanha

Personalidade Moral e Cívica do Padre Ibiapina. Esse trabalho buscou traçar características mais distantes daqueles construídas antes, ou seja, menos vinculadas ao espaço religioso da Igreja Católica e das missões, onde atuou efetivamente o Padre Ibiapina.

O quinto biógrafo, de natureza estrangeira, foi o padre Joseph Comblin[7], indivíduo popular no Brasil e na América Latina. Publicou pela editora Paulus em 1993 o resultado de seus estudos e interesses sobre o Padre Ibiapina. Seu texto conta apenas dos anos das missões até a morte do personagem, portanto, mais preciso e com objetivos claros – informar a comunidade religiosa quem era o líder que o autor prestigiava e fazia questão de mencionar nos seus discursos. A passagem de Comblin pelo Brasil rendeu muitas produções literárias, inclusive outra também dedicada a Ibiapina, sendo ela anterior a biografia, nomeada por *Instruções Espirituais do Padre Ibiapina*, de 1984.

O sexto e último biógrafo a ser mencionado foi o padre Francisco Sadoc de Araújo[8], cearense e o único ainda em atividade (de forma restrita devido a sua idade).

---

da Aliança Liberal do estado. Chefe da Casa Civil do governo cearense, ocupou o cargo de interventor federal no Ceará após 1930. Um dos organizadores e primeiro presidente da UDN (União Democrática Nacional). Sócio efetivo e Presidente de Honra do Instituto do Ceará; titular da cadeira número 8 da Academia Cearense de Letras; Presidente do Centro Médico Cearense e da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres (Rio de Janeiro) e membro de importante sociedade médicas. Morreu em Fortaleza. Disponível em < http://www.ceara.pro.br/cearenses/listapornomedetalhe.php?pid=33058>. Acesso em 03/jan/2017 às 01h23min.

[7] Nasceu em Bruxelas (Bélgica), no dia 22 de março de 1923. Em 1940, entrou no Seminário Leão XIII, em Lovaina (Bélgica). Fez estudos de Ciências Biológicas e Filosofia de 1940 a 1942. De 1946 a 1950, cursou a Faculdade de Teologia em Lovaina, tornando-se Doutor em teologia. Sua ordenação sacerdotal se deu em 9 de fevereiro de 1947, em Malines. Como sacerdote, exerceu a função de vigário cooperador na paróquia Sagrado Coração de Jesus, em Bruxelas, de 1950 a 1958. Impulsionado pelos apelos missionários para países da África e da América Latina, solicitou ao seu Cardeal que fosse enviado para a América Latina. Atendendo à solicitação do Bispo de Campinas que desejava sacerdotes doutores para contribuir na formação de seu clero, foi enviado para o Brasil, onde chegou em 30 de junho de 1958. De 1958 a 1962, em Campinas, SP, foi professor no seminário diocesano e na Universidade Católica de Campinas. Além disso, foi convidado para ser assistente diocesano da JOC (Juventude Operária Católica). Em 1959 foi professor no Studium Theologicum dos Dominicanos em São Paulo. Novos apelos levaram o Pe. José Comblin ao Chile. De 1962 a 1965 foi professor na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Santiago (Chile). Também o Brasil vivia sob a ditadura militar, mas no Nordeste florescia uma Igreja comprometida com o mundo dos pobres e Comblin ouviu o chamado de Dom Hélder Câmara e foi estabelecer-se em Pernambuco. De 1965 a 1968 foi professor no Seminário regional do Nordeste em Camaragibe e professor no Instituto de Teologia do Recife. No início dos anos 70 passou a orientar uma experiência de formação de seminaristas que buscavam um estudo mais comprometido com a realidade e adequado ao exercício do ministério no mundo rural. José Comblin criou, então, um modo de estudo que depois ficou conhecido como Teologia da Enxada. Faleceu em 2011 e está enterrado em Santa Fé/PB. Disponível em: < http://portal.metodista.br/fateo/noticias/saia-mais-sobre-a-vida-e-obra-do-teologo-jose-comblin>. Acesso em 03/jan/2017 às 02h08min.

[8] Filho de Galdino Orlando de Araújo e Rita Albuquerque de Araújo, nasceu em Sobral, estado do Ceará, a 17 de dezembro de 1931. Sacerdote e professor. Na cidade natal, cursou o antigo Primário no Educandário São José, concluindo-o em 1942; o Ginasial e o Científico no Seminário, de 1943 a 1949.

Publicou o livro *Padre Ibiapina: Peregrino da Caridade* em 1995, embora não tenha sido seu único trabalho destinado ao sacerdote. Produziu outros textos de cunho biográfico, mas com recortes mais pontuais, como é o caso do texto *Padre Ibiapina e o Seminário de Olinda*, divulgado pela Revista do Instituto do Ceará. De todas as outras produções que o antecederam, Sadoc se distingue pela quantidade de fontes históricas que teve acesso, contribuindo para enriquecer com detalhes minuciosos e reconstitutivos da vida e obra de Ibiapina. Vale ressaltar que o autor também produziu outros textos historiográficos, reforçando a sua facilidade com esse tipo de produção, entretanto, não foge à regra dos demais que se tornaram biógrafos enaltecedores do biografado.

Outros textos foram produzidos acerca das experiências do Padre Ibiapina, algumas tentativas mais totalizantes e outras mais simplificadas, mas não caberia aqui destrincha-las, já que este não é o objetivo principal desse capítulo. O que se fez até aqui foi a apresentação sumária das principais produções biográficas produzidas até hoje, destacando-se (felizmente ou infelizmente) aquelas ligadas a tradição hagiográfica ou os textos escritos por e para os fiéis. Não é demais frisar que esses textos se detiveram a analisar a trajetória missionária do personagem, colocando em segundo plano as outras atividades que desenvolveu, diferentemente do que se tentará apresentar daqui por diante.

1.1 A infância e as instruções primárias (1806-1824)

As informações apresentadas a seguir correspondem ao período da infância e da adolescência do Padre Ibiapina, residente no interior do Ceará junto com seus pais e irmãos, estes foram espectadores de uma complexa malha de mudanças e transições sociais, resultado da mudança de Brasil Colônia para Império, momento marcado por duas grndes revoltas populares (a Revolução de 1817 e a Confederação do Equador), a Independência do Brasil, o fechamento da Assembleia Constituinte e a promulgação da Constituição de 1824. Tais episódios são importantes para se compreender o

---

Formou-se em Filosofia no Seminário da Prainha, em Fortaleza (1950-52) e dali seguiu para Roma, para matricular-se na Pontifícia Universidade Gregoriana, onde bacharelou-se em Teologia (1954), e depois fez Mestrado (1956). Ordenou-se sacerdote em Roma, em 25.02.1956. Em 1967 concluiu o curso de Pós-graduação em Psicologia Profunda na Faculdade Cristo-Rei em São Leopoldo-RS. Autor de dezenas de artigos na imprensa de Fortaleza/CE e Sobral/CE, e vários estudos sobre Educação e Cultura nas revistas: *Mensagem,* do Conselho de Educação do Ceará; e *Aspectos*, da Secretaria de Cultura do Ceará, além de outros na revista da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará. Disponível em: < http://www.cbg.org.br/novo/colegio/quadro-social/socios-adjuntos/francisco-sadoc/>. Acesso em 03/jan/2017 às 02h45min.

pensamento e as atitudes do jovem Ibiapina, que contava apenas com dezoito anos ao final desses acontecimentos.

O menino José Antônio Pereira Ibiapina que nasceu no Morro do Jaibaras localizado na Vila de Sobral/CE, em 05 de Agosto de 1806 era filho de Francisco Miguel Pereira e Tereza Maria de Jesus, cujas famílias eram abastadas e esta última de descendência portuguesa. Batizou-se nas terras de seus avós paternos, a fazenda Olho D'Água, onde morou até 1816, migrando depois para a cidade de Icó/CE. Teve seu nome marcado duas vezes pelas tradições católicas da época, isto é, seu primeiro nome, José, em homenagem ao santo do dia de seu batismo (São José de Calazans, o patrono das escolas cristãs populares[9]) e Antônio por conta do padre que presidiu a cerimônia, o português Antônio Mendes de Mesquita, um dos fundadores do Seminário de Olinda, mais tarde instituição que primeiro lhe formou nos estudos superiores.

Seu pai, Francisco Miguel foi participante ativo da Confederação do Equador, militando e sendo condenado a morte junto com o Padre Mororó[10] e o Frei Caneca. Antes disso, viveu sob o desprezo da família na povoação de São Pedro do Ibiapina, com a renda das atividades de agricultor e professor primário, consequência da escolha pelo rapto e, posteriormente, casamento com Tereza em detrimento do ofício do sacerdócio. Depois do nascimento dos sete filhos, mudou-se para a cidade de Icó/CE para exercer a função de escrivão de crimes, porém, logo transferido para o Crato/CE devido suas habilidades que foram observadas pelo ouvidor Dr. José Raimundo do Paço. Nos últimos anos de vida, mudou-se para Fortaleza/CE aderindo ao movimento republicano, ao lado do filho mais velho, Alexandre Raimundo, que foi condenado a prisão perpétua em 1825 e apareceu morto um ano depois de forma mal explicada.

A mãe, Tereza Maria era também de família abastada, nativa de Sobral/CE, onde se casou e se dedicou exclusivamente a educação religiosa dos filhos e cuidados com o cônjuge. Vale ressaltar que as primeiras instruções do Padre Ibiapina vieram daí, orientações maternas e paternas concretizadas na alfabetização e catequização do mesmo. Essa educação primária fora profundamente marcada pela aliança da religião com as artes e a intelectualidade, ambas constituintes do ambiente familiar. Retornando

---

[9] Araújo (1995) explica "O santo homenageado é o patrono das escolas cristãs populares, cujo exemplo extraordinário de educador das classes menos favorecidas o futuro Padre Ibiapina saberia tão fielmente seguir" (p. 39).

[10] Gonçalo Inácio de Loyola Albuquerque e Melo foi amigo de Francisco desde o tempo de escola, formou-se padre no Seminário de Olinda, cujo ambiente favorecia seus ímpetos revolucionários. Foi diretor do jornal *O Diário do Governo do Ceará*, que divulgava ideias republicanas. Foi morto em 30 de Abril de 1825 pelas forças militares exclusivamente destinadas ao aniquilamento dos confederados.

ao perfil de Tereza, sua vida foi encurtada por um parto complicado em 1823, quando tinha 38 anos de idade. Não se sabe exatamente qual a data que nasceu, podendo afirmar com certeza que era de sua parte que vinha a descendência portuguesa de "Pereirinha"[11].

Logo após a nomeação para exercer o cargo de escrivão em Icó, Francisco se mudou com os filhos e lá o menino Ibiapina – sobrenome adotado pelo pai em referência ao lugar onde residiu anos antes de se mudar – teve os primeiros contatos formais com os estudos, graças à facilidade que tinha seu pai devido *status* profissional que possuía. Corria o ano de 1816, e na escola do professor José Felipe, Pereirinha atingiu algum amadurecimento intelectual em conjunto com as lições do Padre Domingos da Mota Teixeira, que fora preso por complicações com a Revolução de 1817. Abre-se o primeiro acontecimento político vislumbrado pelo personagem, que começava a esboçar insatisfação com as injustiças sociais.

Mudando-se para o Crato, na época recém-fundada povoação do interior cearense, portanto, vacante em instituições educacionais, Ibiapina foi direcionado para lições religiosas com o padre José Manuel Felipe Gonçalves, que passa a apostar na vocação sacerdotal de seu aprendiz, incentivando-o a seguir os estudos no Seminário de Olinda. Por esse motivo, em 1820, sob a influência de seu mestre, ele passou a frequentar aulas de latim na vila de Jardim/CE, com o professor Joaquim Teotônio Sobreira de Melo. Lá foi acolhido na casa do padre Benze-Cacetes[12], conhecido da família e mais um incentivador para o futuro padre.

Ao final de dois anos, Ibiapina estava habilitado para seguir os estudos no Seminário, fazendo-o retornar ao Crato e comunicar aos pais a sua decisão. A aproximação com as instruções religiosas e a sensibilidade para com o universo da doutrina cristã reavivou o sonho da família paterna de formar um padre, o que refletiu, de certo modo, nos atos e desejos do jovem. Entretanto, a família decidiu por mais uma mudança, dessa vez Fortaleza, cidade que possuía melhores condições para o tratamento de saúde de Tereza, que faleceu pouco tempo depois. Além disso, a transferência do

---

[11] Apelido do Padre Ibiapina mencionado na obra de Celso Mariz: "Moreno, de crescimento inferior, constituição de aparência frágil, 'Pereirinha', antonomásia que logo inspirou na escola, era, entretanto, de inteligência lúcida e vivaz" (1980, p. 8).

[12] "O pároco local, Pe. Antônio Manuel de Sousa, acolheu o jovem estudante em sua casa. Ali se dedicou à educação religiosa do hóspede, pois no início de seu paroquiato se ateve às funções estritamente sacerdotais. Infelizmente, por ocasião do movimento abrilista que irrompeu após a abdicação de Dom Pedro I, a 7 de abril de 1831, o sacerdote colocou-se decididamente ao lado de Pinto Madeira, chefe dos restauradores no Ceará, que desejavam o retorno do Imperador ao trono do Brasil. O padre aliciava os habitantes do Jardim a lutar por essa causa, e na falta de armas de fogo, munia seus paroquianos de cacetes, 'em cujo manejo eram afamadamente amestrados. Antônio Manuel ia-os benzendo aos montes e distribuindo-os, origem de seu apelido de 'Padre Benze-Cacetes'" (GIRÃO *apud* ARAÚJO, 1995, p. 38).

ouvidor José Raimundo para outra cidade em razão da sua participação no governo provisório da província do Ceará, após a Independência, implicou na insegurança de Francisco em permanecer no interior. Chegando à capital, foi nomeado pelo presidente da província – Pedro José da Costa Barros, parente de Tereza e logo depois responsável por sua condenação a morte – ao cargo de escrivão da Fazenda, mas não tardou a desistir e se entregar as causas do movimento republicano de 1824.

Antes mesmo das manifestações dos confederados, Ibiapina ingressa no Seminário de Olinda com o objetivo de tornar-se padre, contudo, pouco mais de um mês depois, o jovem retorna ao Ceará a mando de seu pai que se encontrava enviuvado. A segunda matrícula na instituição se dá em quatro anos depois (1828), quando retorna à Olinda, órfão de pai e com duas irmãs que ficariam abrigadas no Acolhimento de Nossa Senhora da Glória, localizado em Recife/PE. Diferentemente do que dizem alguns biógrafos, os dois ingressos de Ibiapina no Seminário não correspondiam mais as ondas revolucionárias da sua primeira fase (1800-1817), marcada pelo bispo fundador Dom José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, afastado dois anos depois da fundação. Isso permite considerar outros elementos além da hipótese de ter sido as ideias iluministas dos professores seminaristas o motivo principal do seu distanciamento e escolha pelo curso de Direito.

Nessa complexidade de fatos, Ibiapina se revela ora como portador de um extremo conservadorismo, ora como verdadeiro herdeiro das ideais de justiça de seu pai e seu irmão. Além deles, outros personagens que fizeram parte das primeiras experiências do jovem se revelaram nas atitudes ao longo de sua vida, singular e polifônica nas influências políticas, filosóficas e sociais. Não tardou para se tornar conhecido entre os mais abastados de Pernambuco, o que resultou anos depois na sua ordenação eclesiástica simplificada e posição privilegiada entre o clero no ano 1853.

1.2 Os estudos avançados (1824-1832)

Para melhor compreender as relações e influências sofridas por Ibiapina no Seminário de Olinda antes é preciso conhecer melhor a história dessa instituição de ensino tão importante no Norte Imperial no início do século XIX. Fundado em 16 de Fevereiro de 1800, foi organizado e inaugurado pelo bispo já mencionado, D. Azeredo Coutinho. Este foi nomeado para exercer o cargo ainda quando estava em Portugal, ano de 1794, permanecendo lá mais quatro anos para fundamentar com melhores condições

o seu objetivo. Tendo em vista que somente a Corte portuguesa formava padres para a colônia na América, aumentou a necessidade de lançar forças para a construção de um espaço que formasse esse quadro aqui no Brasil.

Em fins de 1798, após redigir e publicar os Estatutos do Seminário na Gráfica Real, Azeredo Coutinho chega ao Brasil e se dedica a formar meticulosamente o quadro docente, que deveria buscar instruir a mocidade nas verdades da Religião, habilitando-a também nas artes e nas ciências. Como todo bom começo, a instituição foi fundada com muito entusiasmo e sobre muito prestígio perante as autoridades e políticos locais, contudo, logo se tornou problema para esses indivíduos que deveriam pagar um imposto do vintém para manutenção de alunos gratuitos. Alvo de desavenças, Azeredo Coutinho foi afastado de seu cargo e retornou a Portugal.

Depois disso, a Diocese e o Seminário passam pela vacância de líderes destinados a esse fim, sendo orientada pelo Cabido Eclesiástico. Daí por diante o ambiente é intensamente envolvido com as causas e as manifestações da Revolução de 1817, apelidada de Revolução dos Padres (ligados direta ou indiretamente ao Seminário). A partir dessa informação se anula a possibilidade de ter sido os ideais iluministas o motivo de afastamento de Ibiapina dos estudos seminaristas, uma vez que após o fechamento em 1817, devido a Revolução, a instituição reabrirá em 1822, sob a direção do Frei Miguel Joaquim Pegado, português, ex-professor da primeira fase e bem distante das ideias passadas. Além disso, a diocese ficou a cargo do bispo Dom Tomás Noronha, reacionário e devotado as ordens e leis de D. Pedro I.

De acordo com as informações biográficas organizadas pelo Padre Francisco Sadoc, Ibiapina teve duas matrículas na segunda fase do Seminário de Olinda: a primeira em 10 de Novembro de 1823 com saída em 15 de Dezembro de 1823, como foi afirmado e descrito anteriormente; e a segunda em 03 de Fevereiro de 1828, saindo em 05 de Agosto de 1828. Esse segundo ingresso é o que interessa por hora. O período que esteve afastado das lições seminaristas corresponde aos anos de 1824 a 1827, por motivos da morte de seu pai, irmão e cunhado, responsabilidades com os irmãos mais jovens, questões financeiras embaraçosas e o casamento da irmã Rita. Tais momentos aconteceram em Sobral, tendo fim apenas em 1827, quando regressou ao Pernambuco com as irmãs Maria José e Ana.

Durante o ano de 1828 novas questões se apresentaram para o jovem cearense, que havia ingressado pela segunda vez no Seminário, mas não se sentia confortável ao ver as desavenças entre o bispo Dom Tomás Noronha e o cônego Bernardo Luís

Ferreira Portugal, o que resultou em clima desconfortável para toda a comunidade religiosa do Pernambuco. Surgiu então a oportunidade de ingressar no recém-fundado curso de Direito em Recife, matriculando-se em maio do mesmo ano e assumindo os estudos um mês depois. Vendo que não era possível conciliar os dois cursos, desistiu do seminário e passa a morar no Mosteiro de São Bento, onde havia se instalado do curso jurídico.

Abre-se então mais um parêntese na vida do sobralense – a estadia em mais um ambiente religioso, embora que esse estivesse diretamente ligado ao quadro administrativo do novo curso do país e também da política do Estado. Isto é, o curso de Direito era como uma extensão para a formação dos seminaristas, que não tinha apenas o objetivo de advogar, mas de serem sacerdotes juristas. O mesmo se estabelecia para Ibiapina, que dispunha de boas referências e amizades, entre outras coisas, conquistadas pela popularidade de seu pai, inserindo-o favoravelmente entre os oratorianos (ainda em 1823), em Olinda e, nessa nova fase, entre os beneditinos e os mais importantes nomes pernambucanos.

Na primeira turma de juristas, Ibiapina se manteve distante dos levantes populares que dominavam o cenário pernambucano daquele momento. Dedicou-se exclusivamente ao curso, quando não se debruçava sobre os ensinamentos dos padres beneditinos. Não é demais relembrar aqui os acontecimentos que se passavam do lado de fora do Mosteiro, enquanto o jovem se mantinha como espectador: a setembrada, a novembrada e o abrilismo[13], rondava os bastidores do Império autoritário de D. Pedro I e persistiam na sua renúncia ao cargo na Monarquia. Desde a morte de seu pai e irmão, Ibiapina se mantinha distante dos movimentos, mantendo-se assim até o fim da vida.

Não demorou e os beneditinos se sentiram incomodados com a participação ativa dos acadêmicos do curso de Direito (exceto Ibiapina e poucos outros) nos levantes populares, acarretando na transferência de endereço, bem como na mudança domiciliar de Pereirinha (mais uma vez) para o Convento da Madre de Deus. Datava o ano de 1832 e chegava próximo da sua obtenção de diploma do Curso de Direito, restando apenas defender sua dissertação final, orientada pelo professor recém-nomeado Pedro Autran da Mata e Albuquerque.

Em cinco anos, o jovem teria se aperfeiçoado em Direito Natural, tornando-se professor dessa disciplina na própria Faculdade que o formara ano antes; Direito

[13] Revoltas populares de Pernambuco ocorridas durante o ano de 1831 e que duraram até 1834, período correspondente as Regências.

Eclesiástico, o que levou para vida, exclusivamente para os anos que exerceu a Vigaria Geral na Diocese de Olinda Recife; e Direito Criminal, perfeitamente aplicado quando assumiu o cargo de juiz e delegado na comarca de Quixeramobim/CE e, posteriormente, a Comissão Justiça Criminal durante seu mandato de Deputado Federal no Rio de Janeiro/RJ.

1.3 Magistratura, assembleia legislativa e advocacia (1833-1850)

O diploma de bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas conferiu credibilidade e maior repercussão social ao jovem José Antônio Ibiapina. Durante as férias de 1832, ele resolveu visitar alguns amigos e parentes no Ceará, reavivando as lembranças e saudades que tinha da sua terra natal. Chegando à Fortaleza, e como era de comum gesto, resolveu fazer uma visita ao presidente da província, o senhor José Mariano de Albuquerque Cavalcante[14]. Tal personagem já conhecia a história e as tristezas que havia passado Ibiapina, o que funcionou como um alavanque para a proposta de lançar o nome do recém-bacharel ao cargo de deputado geral do Partido Liberal[15] cearense. Inicialmente, a ideia o causou surpresa, pois o seu desejo era o de seguir a magistratura, mas o amigo logo o convenceu que as eleições aconteceriam em 1833 e ele só passaria a atuar, caso fosse eleito, em 1834.

---

[14] José Mariano de Albuquerque Cavalcanti - Nasceu a 20 de Maio de 1772 na fazenda Pau-caído, da povoação e hoje cidade de Sant'Anna, e foram seus genitores o pernambucano Antônio Coelho de Albuquerque e Dona Maria da Conceição do Bomfim, natural de Sobral. [...] Tomou parte conspícua na Revolução de 1817, que se iniciou pela morte do brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro e se estendeu a outras Províncias, o Ceará inclusive. Vencida a revolução, foi José Mariano recolhido ás prisões do Recife e remetido no brigue Mercúrio para as da Bahia. Entre seus companheiros de infortúnio figurava o Desembargador Antônio Carlos. Após a abdicação do 1.o Imperador, foi nomeado presidente do Ceará. A carta de sua nomeação traz a data de 29 de Agosto de 1831. Entregou-lhe as rédeas do governo o vice-presidente Rocha Lima a 8 de Dezembro do dito ano. Serviu-lhe de secretario o Padre Antônio Pinto de Mendonça, nomeado por ato de 16 de Dezembro. José Mariano teve logo que enfrentar com Pinto Madeira, Vigário Antônio Manoel e seus partidários, os quais muito animados com a vitória de Burity haviam invadido vários pontos da Província. Em pessoa foi ele dar-lhes combate, fazendo-se preceder do Major Torres a testa de grande numero de praças. Em Maio de 1834 José Mariano tomou assento na Câmara Temporária e encerrada ela presidiu as Províncias de S. Catharina (1835-36) e Sergipe (1837), retirando-se desta ultima por motivo da renuncia do regente Feijó. Faleceu a 20 de Agosto de 1844 no seu sitio Guapimirim, província do Rio de Janeiro (In: Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense do Barão de Studart).

[15] Partido que surgiu em plena efervescência das Regências, isto é, no ano de 1831, tinha como objetivo ideológico a defesa dos interesses dos senhores rurais e das camadas médias urbanas, sem compromissos diretos com a escravidão. Dividiu-se ainda em Partido Liberal Moderado e Partido Liberal Radical. Baseado no apoio das províncias do Centro-Sul do Brasil tinha como grande rival o Partido Conservador, o qual defendia a manutenção da dominação política das elites escravocratas rurais. Foi extinto com a Proclamação da República, em 1889.

Ainda nas férias, Ibiapina fez visitas à família Alencar, que o teria auxiliado após a morte de seus pais, tornando-se merecedora de sua atenção e respeito. A partir disso, enlaçou-se com a filha de Tristão Araripe, amigo e combatente com o seu pai na Confederação do Equador, a menina Carolina, cujo casamento se realizaria ao final de 1833. Contudo, a moça descumpriu o trato e casou-se às pressas, um mês antes do combinado com o seu primo, Antônio Sucupira[16]. Nenhum dos biógrafos de Ibiapina relatam o verdadeiro motivo dessa "traição", o que gera a desconfiança da família ter se desentendido com o rapaz ou ainda ter ela engravidado do primo durante o período que Ibiapina esteve em Recife.

Independentemente do que tenha se passado com Carolina para tomar tal atitude, o bacharel não se devotou a nenhuma outra mulher durante sua vida, o que reforça a ideia de que esse acontecimento o teria impulsionado novamente a vida do sacerdócio anos mais tarde. Antes disso, tornou-se professor substituto da Faculdade de Direito, e entre os seus alunos estavam os nomes que mais se projetaram no cenário nacional durante o Império, a exemplo do futuro Barão de Cotegipe e seu próprio irmão, João Carlos. E como todas as notícias na vida desse personagem chegavam com certo impacto, o mesmo se sucedeu com a eleição e de Deputado Geral mais votado do Ceará de 1833 e que assumiria a terceira legislatura do Império em 1834, em plena Regência e efervescência política no país.

No intervalo das atividades, o cearense soube da nomeação ao cargo de Juiz de Paz da comarca de Quixeramobim, o que se concretizou em 24 de Dezembro de 1833, cuja posse se definiu principalmente para acabar com o protecionismo político que havia naquele espaço. Muitos crimes se desenvolviam, o que causou problema e resultou no afastamento do personagem em pouco tempo depois, com mais uma decepção na bagagem da vida pública. Em decorrência disso, sua vida política na assembleia legislativa também foi agravada, uma vez que o presidente da província do Ceará, o mesmo homem que o teria auxiliado no passado, o padre José Martiniano de Alencar teria lançado seu nome associado a problemas oriundos dos três meses que passou das leis e da justiça de Quixeramobim.

O extrato de todos esses anos resultou na desistência de Ibiapina pela política e pelos cargos públicos, optando, portanto, pela advocacia durante os anos de 1838 a 1850. Nesse período foi reconhecido por ter boa desenvoltura e eloquência (MARIZ, 1980) além de ser capaz de defender quem quer que fosse, o que poderia ser

[16] Nasceu em 1787, foi pai de aproximadamente doze filhos e morreu em 1847.

reconhecido hoje pelos grupos marginalizados, isto é, os carentes que não podiam lhe pagar pelos trabalhos prestados. Diante disso, não se deve estranhar a atividade de advocacia ter se desenvolvido entre duas províncias, Pernambuco e Paraíba, distantes entre si e ainda mais se pensadas pela perspectiva de condições de transporte da época.

Mais essa atividade não tardou para lhe acarretar outra decepção, confirmando a aproximando Ibiapina do seu objetivo da juventude: a vida eclesiástica. Em 1850, aos 44 anos, perdeu uma causa que julgava ser de grande importância para o seu trabalho como advogado e, principalmente, pela situação que se encontrava o sujeito a ser julgado e defendido pela justiça. Concretizada a perda, resolveu isolar-se e não mais se valer dos ensinamentos de bacharel para a sua vida, fechou definitivamente as pastas das leis e das burocracias do Império, reabrindo os livros e cadernos que havia utilizado durante a sua passagem pelo Seminário de Olinda, Convento da Madre de Deus e Mosteiro de São Bento. Esses lugares, que o marcou para a vida toda, foram de extrema relevância para os anos que se isolou socialmente, vivendo apenas com sua irmã Ana em Caxangá, bairro da cidade de Recife/PE.

1.4 A vida religiosa (1853-1883)

O presente tópico é com certeza o mais explorado da vida do Padre Ibiapina pelos seus biógrafos e estudiosos de ontem e de hoje. Tal informação foi até aqui discutida e criticada, tendo em vista que a biografia ou qualquer outra pesquisa não pode desconsiderar as informações que antecedem ou sucedem determinado acontecimento da vida de um personagem. Portanto, não será de grande serventia se forem relembradas as obras e as ações sem que se estabeleça um elo entre as experiências políticas, jurídicas, filosóficas e sociais do cearense, que de certa forma influenciaram a sua decisão para retornas o sonho de ser padre, adormecido desde 1828.

A verdade é que o retorno as atividades religiosas custaram a acontecer, e foram influenciadas pelo amigo Américo de Freitas Magalhães[17], fiel confidente durante os anos que esteve isolado em Caxangá. Ciente das frustrações vivida por Ibiapina, Américo o perguntou sobre o impulso de ordenar-se padre, resultando na seguinte resposta: "Aí sim que me chamariam de louco". Conhecedor da sua inserção social e o que espera a sociedade desses indivíduos, a reclusão durante três anos significava

[17] Formou-se na Faculdade de Direito do Recife, era cearense e amigo confidente de Ibiapina. Foi importante personagem na sua ordenação por ter influência e amizade com o bispo de Olinda da época, Dom João da Purificação Marques Perdigão.

atitude insana para um homem que dispunha com facilidade de ascender social e economicamente. Por ter desistido disso, as pessoas o desconsideravam, apostando na loucura como a única resposta para desistir da vida social.

Os olhos que o reprimiam, também o observavam com inveja, especulando quais seriam seus passos e as suas atitudes. Foi então que convencido pelo amigo Américo, decidiu por ordenar-se e, como amigo próximo do bispo Dom João Marques Perdigão, obteve o hábito com facilidade, devido a dispensa de determinadas etapas que deveria atravessar um padre. Portanto, logo aos 47 anos tomou o púlpito da Igreja da Madre de Deus e celebrou a sua missa, guiando a sua vida por outra direção, cada vez mais distante dos salões sociais e mais próximos das ausências materiais do interior, dos sertões do Norte. Nem a vida eclesiástica, que prometia ser próspera em termos administrativos, foi suficiente para mantê-lo preso a um só lugar, servindo burocraticamente quase igualmente como na época de professor, deputado, juiz e advogado. Passar-se-á a analisar mais profundamente os tempos de isolamento e ordenação eclesiástica do Padre Ibiapina, homem que "viveu e morreu pelo povo" (CARVALHO, 1980).

CAPÍTULO II

"Passei os dias olhando para o mundo com temor": Isolamento social e influências intelectuais do Padre Ibiapina (1850-1853)

Neste capítulo será avaliado o contexto social e histórico em que esteve inserido o Padre Ibiapina nos anos de 1853 e 1860. Delimita-se temporalmente essa inserção, tendo em vista que esse personagem esteve em outros ambientes e sob outras influências intelectuais, diferentes das quais ele se encontrou durante esses sete anos de estadia na cidade de Recife/PE. Arrisca-se afirmar que esse momento remete àquele do início de sua juventude, quando ensaiou passos no Seminário de Olinda e buscou pela formação sacerdotal daquela instituição, contudo, logo interrompida pelas transformações que se operaram sobre o seu cotidiano.

Antes que se verticalize a observação de inserção social, mais especificamente religiosa do Padre Ibiapina, adentrar-se-á nas considerações do catolicismo brasileiro do século XIX e como este foi operacionalizado na província do Pernambuco. Diante disso, desenvolveram-se análises ancoradas na metodologia histórico-comparativa, que robustecem as diferenças entre os contextos, confirmando que somente através delas é que se pode verificar o elemento comum que as perpassa.

O Brasil oitocentista tinha como estrutura socioeconômica a agricultura, que por sua vez mantinha o patriarcado como senhor absoluto dos negócios e dos costumes da época. Essa cultura, assim como afirma Hoornaert (1974) era uma criação da coroa portuguesa para legitimar a posse das terras, de maneira que foi preciso recorrer aos antigos simbolismos feudais para tal empreitada, estes foram acima de tudo uma sacralização do proprietário e uma conformidade para os índios e africanos. O resultado disso foi o catolicismo patriarcal brasileiro, que assim como afirma o autor:

> [Inserido] na longa lista de "religiões do estado" que tiveram como função a de sacralizar e assim perpetuar o poder dos estados. [...] No Brasil, a "religião de estado" foi realizada segundo as circunstâncias típicas de uma cultura formada em torno do engenho ou da fazenda: o engenho se tornou sagrado, o senhor de engenho também; o catolicismo estava a serviço do patriarca local (Op. cit. p. 74).

O poder local, impulsionador do Império do Brasil, foi incontestável e absoluto, uma vez que Portugal nos primeiros anos de colonização mantinha pouco interesse pelo Brasil, bem como criou uma estrutura hierárquica complexa para o catolicismo colonial

e já possível sinais de fraqueza na sua metrópole. Em resposta a isso, os patriarcas modelaram as relações políticas, econômicas e sociais à sua maneira, especialmente a religião católica, que passou a ser compreendida a partir de um cunho familiar, assistencial, funcional e de mínima interferência clerical. Portanto, os padres (figuras próximas do povo) passaram a ser entendido como a extensão dos desejos do proprietário local, um indivíduo que respeitava e tinha como senhor o dono das terras.

Após as tensões sociopolíticas vivenciadas no período das Regências, o Império brasileiro se aportou neste patriarcado, vitorioso inclusive nas expressões políticas que se destacaram, a exemplo do liberalismo moderado, que objetivava fortalecer a unidade nacional que havia sido abalada. Para tanto, revitalizou-se a monarquia com estruturas autoritárias, sendo o seu maior expoente a Igreja Católica. O sistema que vigorava no interior dessa instituição, o padroado (fundamentado pelas expressões do patriarcado local já mencionadas) facilitou a dependência mútua e ao mesmo tempo dissociada da Igreja e do Estado.

Logo não tardou para que se desenvolvesse uma crise no interior da relação Igreja e Estado, sendo este último entendido aqui muito mais pelas forças locais do que o poder central, uma vez que as duas forças começaram a se distanciar das novas tendências ideológicas que surgiam, primeiramente na Europa e depois no Brasil. Essas forças eram o liberalismo, a maçonaria e o protestantismo, expressões que ganhavam a confiança dos homens do poder e da população, ambos cansados da desproporção que operava o Império e a Igreja brasileira.

Sabendo disso, não foi difícil perceber que em Pernambuco o catolicismo no século XIX operacionalizava-se em crise, isto é, através do debate que culminou na separação da Igreja e do Estado. As forças que sobreviviam dentro dos muros das instituições católicas também se dividiram e se viram enfraquecidas pelo processo que durou quase um século. Essa crise, que não só acontecia no Brasil, mas também na Europa, impulsionou as lideranças eclesiásticas a investir na europeização da formação clerical, enfatizando que a saída seria buscar autonomia em relação ao Estado. Desse modo, surgia a *Reforma Católica*, popularmente conhecida como *Ultramontanismo*[18],

[18] Do latim *ultramontanus*, o termo designa, no catolicismo, especialmente francês, os fiéis que atribuem ao papa um importante papel na direção da fé e do comportamento do homem. [...] O ultramontanismo passou a ser referência para os católicos dos diversos países, mesmo que significasse um distanciamento dos interesses políticos e culturais. Apareceu como uma reação ao mundo moderno e como uma orientação política desenvolvida pela Igreja, marcada pelo centralismo romano, um fechamento sobre si mesma, uma recusa do contato com o mundo moderno. (In: Glossário U. História, Sociedade e Educação no Brasil. Disponível em:

com vistas a fortalecer a instituição católica e renovar a vida cristã, entretanto, com o cunho autoritário e sem a participação popular, movimento que logo se viu derrotado pelo próprio clero.

Em Pernambuco, palco de várias manifestações sociais encabeçadas pela igreja, a crise do Catolicismo se personificou na *Questão Religiosa,* único movimento que se aproximou da independência do clero brasileiro e teve como uma das lideranças o Dom Frei Vital[19], bispo recém-ordenado e de ideias intrigantes para a época. A Igreja que não se abria ao diálogo com essas novas esferas ideológicas, bem como aos personagens religiosos propagadores das mesmas, se manteve no obscurantismo, resvalando na imposição de práticas ortodoxas e imperiosas.

A *Questão Religiosa* punha em evidência a divisão que havia se estabelecido na Igreja: ultramontanos *versus* tradicionalistas, sendo os primeiros a favor da independência do Estado, experiência que se abortou desde os jesuítas, passando pelas ordens religiosas e chegando aos finais do segundo império; e os segundos a favor da ligação com o Estado servindo como um suporte ideológico e institucional. Este se propunha a desenvolver a liberdade da Igreja que se confundia com a fidelidade ao Estado, portanto, um ideal de Estado cristão, cujo Catolicismo se tornaria uma instituição, assim como são as Assembleias Legislativas, as escolas e outros. E esse foi o modelo que se desenvolveu no país até o final do século XIX, tendo a Igreja respondido como instituição do Estado e distanciada da Santa Sé.

<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_ultramontanismo.htm>. Acesso em 16/Jan./2017 às 22h33min.

[19] Aos 27 de novembro de 1844, nasceu Dom Vital no município de Pedras de Fogo-PB. Depois de uma breve passagem pelo Seminário de Olinda, viajou para a França, a fim de estudar no Seminário de São Sulpício. Em Paris, decidiu ingressar na Ordem dos Capuchinhos onde emitiu os primeiros votos a 19/10/1864 em Versalhes. [...] Foi ordenado sacerdote em Matabieau no dia 02/08/1868. Voltando ao Brasil, iniciou seu ministério sacerdotal em São Paulo. Muito jovem, antes de completar 27 anos, foi indicado para Bispo de Olinda, sendo confirmado pelo papa Pio IX a 22 de dezembro de 1871. [...] Seu episcopado foi marcado por muitas tensões, sendo vivamente hostilizado pelos inimigos da Igreja e suas seitas secretas. Por defender a fé católica e as orientações da Igreja, foi preso pelo governo imperial e levado aos tribunais no Rio de Janeiro e condenado a 4 anos de prisão, não chegando a cumprir totalmente a pena porque foi anistiado aos 17/09/1875. [...] Em liberdade, Dom Vital foi à Roma onde encontrou o papa Pio IX que o acolheu como filho e herói. Ainda voltou à diocese, mas muito debilitado, decidiu se tratar em Paris. O problema foi se agravando e aos 07 de junho de 1878, tendo visitado alguns amigos, Dom Vital ficou prostrado de vez. No dia 03 de julho, ele pediu para receber a Unção dos Enfermos. [...] Veio a falecer santamente no dia 04 de julho de 1878, no convento capuchinho de Paris, aos 33 anos de idade, em consequência das provações porque passou e de um possível envenenamento misterioso, por parte dos inimigos da Igreja, membros de seitas secretas. As solenes exéquias e sepultamento deram-se no dia 08 de julho (In: Boletim informativo da causa de beatificação e canonização. Disponível em: <http://www.domvitaldeoliveira.org/wp-content/uploads/2012/11/BOLETIM-INFORMATIVO-DV2.pdf>. Acesso em 16/Jan./2017 às 22h28min.

O grupo dos *tradicionalistas* eram os mesmos que ocupavam o Seminário de Olinda, correspondente ao único espaço de formação intelectual do quadro de sacerdotes brasileiros, já que antes da sua criação era necessário ir até Portugal para receber instruções que os formasse o quadro eclesiástico do país. Com o surgimento desse Seminário em 1800, as mudanças começaram a acontecer não apenas entre os rapazes que desejavam seguir a vida eclesiástica, mas também a todos que desejassem obter instruções a nível "superior". Depois do afastamento do bispo Azeredo Coutinho, idealizador e fundador do Seminário, o espaço passou a ser adentrado por ideias liberais que se expressaram no Movimento de 1817. Nota-se que o dilema da Igreja e do Liberalismo não é de todo inédito, ele se expressou no Brasil desde a primeira instituição seminarista do Norte Imperial.

As divergências e o distanciamento da Igreja para com as ideologias mais guiadas a racionalidade passaram a ganhar maior intensidade ao longo dos anos do século XIX, talvez com seu ponto máximo no período das Regências. Tendo o país vivenciado um momento de polifonia nas arenas políticas, o clero esteve presente nas discussões parlamentares (com um quadro expressivo de deputados e senadores), demarcando interesses e eliminando qualquer força que se opusesse ao modelo vigente no país: a monarquia. Vale salientar que embora nos intra-muros das Igrejas o debate fosse pela reforma católica (ligada ou não ao Estado), em nenhum momento o Catolicismo se opôs politicamente as decisões políticas dos Imperadores.

Na segunda metade do século XIX, tendo o Império vivenciado um momento de maior instabilidade política, a Igreja pôde desfrutar de maiores regalias e maior tranquilidade frente as ideias que se expressaram durante as Regências. Esse momento foi marcado pelo fortalecimento da aliança Estado e Igreja, mas que logo se viram atormentados pela efervescência das discussões que estavam na ordem do dia. Ambos passaram a sofrer ataques e críticas de uma sociedade que não se sujeitava mais as manobras ultrapassadas dos sistemas.

A situação da igreja católica pernambucana era comprometedora, principalmente pelo clero e pela confessionalidade católica. Os primeiros já não exerciam influência sobre o povo, que recorria ao episcopado acusando-o de promiscuidade e desatenção para com o exercício sacerdotal. Os segundos, cada vez mais distantes da celebração do culto divino católico, recorriam as expressões populares em busca de sua autonomia. A solução se apresentava de acordo com a expectativa da Diocese: o processo formativo do novo quadro clerical. Essa proposta visava interferir na conduta do clero, elevando-

os à intelectualidade de forma inversa a militância política, as filiações maçônicas, as tensões com o governo imperial, entre outros.

A nova condição do clero pernambucano objetivava cultivar a imagem de Deus, através de práticas minuciosas, como a obrigação do uso do hábito e a celebração do culto. Isso demarcaria cada vez mais o aspecto diferenciado do clero e do laicato, processo que culminou na crescente clericalização da religião católica, ainda que não tenha levado a independência desse segmento em relação às políticas imperiais. Essa mudança despertou muito mais visitas diocesanas com formalidade a população, que pouco se sentia tocada pela evangelização prestada, isto é, com vistas ao assistencialismo hereditário do catolicismo patriarcal estabelecido no país, mas sim pelas novas concepções de mundo que se expressavam na sociedade oitocentista.

E foi exatamente nesse ambiente de hostilidade do povo ao catolicismo, assim como a aparente estabilidade ideológica que essa instituição insistia em demonstrar, que Ibiapina se ordenou como padre. Essa opção se deu em partes pelas adversidades da vida, em partes pelo seu perfil discreto e silencioso frente às multidões, que se revelou mais expressamente quando decidiu seguir pelas missões. Ibiapina se destacou, entre outras coisas, pelas ações em escalas menores, embora com alcance expressivo para os modos e as condições da época. Portanto, os embates da Reforma Católica, a crise dessa instituição e outros episódios foram contemporâneos a Ibiapina, que de longe e de perto vislumbrava os detalhes e se afastava prudentemente, buscando atuar sobre outras realidades e outros indivíduos.

2.1 O isolamento social

Antes mesmo de tomar a decisão de se ordenar padre, Ibiapina passou por diversos episódios que o marcaram e o destinaram a se isolar socialmente num sítio em Caxangá, na cidade de Recife/PE, por três anos. Durante esse tempo aguçou seus conhecimentos, através de leituras religiosas e/ou espirituais, muito mais do que aquelas que havia tido nos anos que estudou e atuou como bacharel em Direito. Sobre isso, o biógrafo Francisco Sadoc fala com minunciosidade:

> Foi nesse ambiente bucólico e tranquilo que Ibiapina passou três anos de retiro e meditação e exercícios de piedade. Essa experiência de silêncio e solidão serviu para avaliar todo o seu passado, de tantas e variadas vicissitudes, e para programa o futuro, que se lhe abria num

> horizonte amplo de vocação cristã, no desejo de colaborar na construção do Reino de Deus entre os homens. Para leitura, levou consigo Bíblia, o Breviário, um Manual de Teologia, o Flos Sanctorum e a Imitação de Cristo. Como lazer dedicava muitas horas no cultivo de um jardim e de um pomar. Dentro de casa, a companhia da irmã caçula Ana, que cuidava da alimentação e dos trabalhos domésticos (SADOC, 1995, p. 107).

Durante o tempo que se isolou, assim como descreve o biógrafo, Ibiapina se dedicou a leituras que o elevaram espiritualmente e o tornou mais próximo dos objetivos, que silenciosamente, acreditava. Pelo que foi exposto, observa-se a inteira dedicação às literaturas católicas que o faziam revitalizar sua vida cristã. Além disso, fazia seus exercícios católicos e frequentava a Igreja de São José, onde o pároco Lourenço Correia de Sá era seu conterrâneo e amigo.

Vale ressaltar que o período que esteve isolado foi o mesmo que se dedicou inteiramente a visitar e estar na companhia de pessoas religiosas, como que negando as experiências que havia tido nas atividades anteriores, como advogado, deputado federal, juiz, delegado e professor. Esse período serviu também como meditação, detalhe que se expressa na escritura abaixo:

> [...] As obras da natureza me convidam a reflexões sublimes, que me elevam até ao Criador, a quem curvado adoro, admiro e me confundo. Donde me vem este pensar e este sentir? Desde o começo de minha vida, que as desgraças me cercaram: meu pai fuzilado pela política; meu irmão desterrado, onde morreu desgraçadamente; minhas irmãs em tenra idade abandonadas em casa de parentes, deram ao meu espírito uma direção tão penosa, que aprendi a pensar seriamente, na idade da juventude, e com pendor sempre para coisas penosas.
> [...] É pena que me tenham escapado muitos proveitos que, se os tivesse obtido, seriam um completo diretório providencial que me faria marchar intrepidamente no caminho da virtude. Se eu lhe fosse fiel, como devera, minha posição seria bem diferente da em que hoje me acho, pois me julgo sempre noviço, quando vejo e leio aqueles que o bom Deus me deixou segui-los. Falo aos santos.

O isolamento social representou para Ibiapina a possibilidade de reavivar o sonho de ser padre, aquele que havia abandonado quando se dedicou aos estudos jurídicos na Faculdade do Recife. Nota-se a partir de suas palavras nessa carta que a sua personalidade é volátil, e se adapta ou desiste facilmente das questões que lhe são postas. Além disso, depreende-se que o retiro espiritual em Caxangá revelou que todos os caminhos que percorreu eram encarados por ele como sendo de desvio de conduta, já que o chamado divino que deveria ter obedecido não o fez.

Mediante essas constatações, só restava ao Dr. Ibiapina (conhecido e nomeado assim pelos seus amigos) recolher-se e pedir perdão a Deus, como descreve ao final dessa carta "Pai perdoa-lhes porque não sabem o que fazem, parecendo-me que mais será aplicada essa oração, quando eu tiver de ser julgado, como se em meu favor fosse dirigida" (op. cit.), confiando na possibilidade de um dia poder realizar o seu desejo de ser padre, depois de ter vivenciado as mais diversas experiências sociais e políticas e não ter se dedicado inteiramente a nenhuma delas.

O solitário sabia que para seguir o sacerdócio, com a idade que contava (44 anos) não poderia de livre e espontânea vontade se dirigir a um Seminário e obedecer as necessidades até obter a ordenação. Ao contrário, essa "iniciativa não poderia vir de sua parte" (ARAÚJO, 1995, p. 109), o que o fez aguardar o desenrolar dos acontecimentos, enquanto cautelosamente esboçava a sua dedicação as questões religiosas. Parece até que o isolamento serviu como um detalhe para abrir os olhos dos mais próximos, especialmente aqueles que tivessem ligações com a Igreja Católica, que não eram poucos naquele contexto do Pernambuco oitocentista e da própria sociedade brasileira, que serviram-no como um atalho para a obter as ordens eclesiásticas.

Mesmo que Ibiapina pudesse se tornar um padre da ordem dos capuchinhos, este não foi o seu desejo, já que não buscou os amigos da Madre de Deus para isso. A sua aspiração era a de se tornar padre da ordem secular, e esperou o momento exato para que isso acontecesse sem que ele tivesse que se expressar ou se mover para isso. O convite então veio do amigo Dr. Américo Magalhães, anteriormente citado, que o observava assim como outros, a exemplo do pároco Lourenço de Sá, o cotidiano cheio de devoção e santidade do personagem. Por ser Américo um amigo íntimo e frequentador da casa de Ibiapina, eis que então foi destinado pelo padre da paróquia de São José a comentar o que já comentavam a respeito da vocação sacerdotal dele. O episódio foi rememorado pelo próprio Américo em carta destinada ao biógrafo Paulino Nogueira, também amigo e conterrâneo de Ibiapina:

> De: Américo de Freitas Magalhães
> Para: Paulino Nogueira
> Ano: 1888
>
> Muitas vezes, o nosso patrício cônego Lourenço Correia de Sá, então vigário da freguesia de São José, em que Ibiapina residia, ex-visitador desta província, e o virtuoso padre Francisco José Tavares da Gama, cônego da capela imperial e secretário do Bispado, já falecidos, além de outras pessoas conhecedoras da predileção que por mim tinha o Dr. Ibiapina, me pediram para convidá-lo a ordenar-se.

> Mas, tal era o respeito que me inspirava e a todos, que com ele tratavam, que me sentia acanhado em tocar-lhe sobre semelhante assunto, mesmo porque notava-lhe uma certa irascibilidade, e então respondia a quase a esses sacerdotes que eles, pelas suas posições e predicados, estava mais habilitado, do que eu, para esse fim. E assim o tempo corria.
> Todos desejavam que o Dr. Ibiapina se ordenasse, mas ninguém se animava a falar-lhe nisso. Um domingo à tarde, no princípio de junho de 1853, saí do Palácio da Soledade onde, como sabe, eu residia, e dirigi-me para a rua Santa Rita a visitar o Dr. Ibiapina, o que fazia muitas vezes.
> Batendo eu à porta e aparecendo-me ele, perguntei-lhe, antes de sentarmos, como estava e ele respondeu-me com certa serenidade: "Como quem há pouco chegou da Penha". À esta resposta, o encarei fixamente e disse-lhe de modo resoluto: "Doutor, o sr. nesta vida assim... Por que não se ordena? Pois não é melhor?"
> "Sr. Américo, respondeu-me ele depois de uma pequena pausa, o Sr. foi mandado hoje aqui pela Providência. Saiba que meu espírito há muito luta com essa ideia e esse é o meu maior desejo, mas eu não me achava com coragem de me abrir com ninguém, porque então é que diriam que eu estava maluco. Uma vez que me fala nisso, faça ver o Sr. Dom João que quero ordenar-me, mas não me sujeito a exame nenhum. Se for possível assim, muito bem. Do contrário, nada se fará. Entretanto, peço-lhe o maior segredo em tudo isto".

Através dessa carta podem-se destacar algumas passagens que esclareceram melhor a decisão, ou melhor, o adiamento de Ibiapina por tornar-se padre. Primeiramente que depois de viver dois anos num sítio em Caxangá, veio morar na cidade de Recife, na rua Santa Rita, período em que já possuía determinados bens que lhe serviram como patrimônio no momento de se ordenar. A verdade é que ele já desejava isso, mas não poderia fazer isso sozinho, segundo o que acreditava (em vocação sacerdotal), senão deixaria de ser uma vocação e passaria a ser uma atitude profissional como as outras que teve. Em segundo lugar, para não chamar mais a atenção da sociedade como quando foi traído pela noiva Carolina Alencar, resolveu isolar-se e esperar pela atenção de determinados amigos (àqueles ligados a igreja católica) para se ordenar, senão *diriam que [ele] estava maluco.*

Ter desistido de outras funções sociais e políticas acarretou para Ibiapina o status de maluco, já que outro indivíduo em seu lugar não desistiria da presidência de uma província, do Ministério da Justiça em plena Regência, e principalmente, do status que tudo isso lhe teria acarretado junto a sociedade oitocentista. O cearense tinha relações de prestígios no Ceará, no Pernambuco, na Paraíba e no Rio de Janeiro, mas nenhuma delas o chamava mais atenção, naquele ano de 1853, do que aquela que estivesse inserida nas esferas da religiosidade católica e que pudesse facilitar sua

ordenação sacerdotal. Ele tinha pretensões expressamente claras e que foram rapidamente absorvidas pelos amigos impulsionadores e responsáveis pelo seu sacerdócio.

2.2 A rede de relacionamentos em Pernambuco

A origem social de José Antônio Pereira Ibiapina não era das piores, embora muitos de seus biógrafos tenham insistido em afirmar que os seus pais após terem desobedecido aos seus progenitores, haviam passado por dificuldades financeiras. Mesmo que isso tenha acontecido, o patrimônio da família paterna seria suficiente para lança-lo nas mais ilustres camadas sociais do Ceará e do Brasil. E foi isso que aconteceu. Dependente da ajuda de amigos e familiares, Ibiapina formou-se em Direito e despontou prestigiosamente na sociedade oitocentista, como relações que se reverberaram por toda sua vida, especialmente no período em que residiu em Pernambuco antes da sua ordenação em 1853.

Amigos de longas datas, alguns inclusive conterrâneos seus, foram importantes para os primeiros passos antes e depois do sacerdócio. Essas relações, inseridas política e economicamente na sociedade pernambucana, mantinham laços firmes com o bispo da época, Dom João da Purificação Marquês Perdigão, este também ligado fraternalmente a Ibiapina desde os tempos do Seminário de Olinda. Nesse sentido, para melhor esclarecer os caminhos que levaram o jovem senhor ao sacerdócio de maneira tão excepcional, é necessário compreender primeiro quais eram as suas relações sociais e como elas se inseriam na sociedade pernambucana, contribuindo para o processo que culminou na sua ordenação.

O primeiro dessa cadeia de relações em Pernambuco foi o senhor Dr. Américo Freitas Magalhães o principal e quem sabe até o mais importante personagem para a ordenação de Ibiapina. Cearense, bacharel em Direito, morou em Recife e se tornou amigo confidente do conterrâneo. Mariz (1980) detalha com precisão o início dessa amizade:

> O dr. Freitas Magalhães era mais moço que Ibiapina. Este havia sido correspondente daquele quando estudante, formando-se daí uma amizade que se prolongou por toda a vida. Naquele ano de 53 justamente, o dr. Freitas Magalhães havia feito a Ibiapina o presente de um Flos Sanctorum (p. 56).

Com certa intimidade, o presente que o havia dado em 1853 correspondia a observação prolongada que já vinha fazendo da personalidade e da vida religiosa que seu amigo levava nos últimos anos. Esse livro é mencionado por Araújo (1995) como um dos que elevou intelectual e religiosamente Ibiapina no seu exercício de isolamento, momento que contou com a companhia de figuras como a de Américo. Ligado aos dois, Paulino Nogueira, também bacharel e das relações que travou no Ceará, este foi um dos primeiros biógrafos do sacerdote e uniu literariamente a vinculação de Américo a Ibiapina, já que foi presidente do Instituto do Ceará e em várias passagens de seus escritos atestou (com o testemunho de Américo) a competência jurídica e o caráter devoto do amigo.

O segundo personagem amigo, e ligado à Ibiapina através da sua origem cearense, foi o cônego Lourenço Correia de Sá, importante nos caminhos que se trilharam antes da ordenação. Testemunho ocular da vida isolada e religiosa que levava em Recife, Lourenço passou a apostar, juntamente com o Padre Francisco José Tavares da Gama, no ganho de se investir na carreira eclesiástica de Ibiapina. Ambos eram produtos dos conflitos que se processavam dentro da estrutura institucional do catolicismo pernambucano, e como este necessitava de figuras bem referenciadas como o cearense o era.

É Mariz (op. cit.) também quem referencia o pároco da freguesia de São José do Ribamar: "O cônego Lourenço Correia de Sá era uma das mais distintas influências clericais do momento, em Pernambuco. Fora visitador da província eclesiástica e era então vigário da freguesia de São José, em Recife", com o acréscimo que soa mais razoável para entender aqui qual foi a sua participação na ordenação de Ibiapina: a amizade e a influência que tinha juntamente ao bispo Dom Perdigão. Foi esse pároco quem destinou Américo a convencer Ibiapina de se ordenar, uma vez que ambos estavam convencidos do potencial do jovem senhor.

O terceiro dos observadores da vida de Ibiapina foi o padre Francisco José Tavares das Gama, também secretário do bispado de Pernambuco. Possuía grande influência junto à Dom Perdigão, tendo em vista que pertencia ao quadro administrativo da Diocese de Olinda Recife. Sua ligação à Ibiapina se deu através do cônego Lourenço, que confidenciava ao amigo secretário a vocação sacerdotal que ele tinha, mas que era necessário que alguém o convencesse a se ordenar. "Os dois concluíram que deviam levar o caso à apreciação do Bispo, mas não o queriam fazer sem antes consultar o próprio Ibiapina" (ARAÚJO, 1995, p. 109), e foi com a ajuda do padre Gama que Dom

Perdigão acatou a ordenação em caráter diferenciado de Ibiapina, tendo em primeiro momento rejeitado a proposta.

Na cadeia de relação, o bispo Dom João da Purificação teve importante papel incentivador e operacional na ordenação de Ibiapina, contudo, se faz necessário descrever com minucia a sua ligação com o personagem, já que ela se operou em mais tempo que as outras aqui explicitadas. Ou seja, o décimo sétimo Bispo de Olinda foi amigo de Ibiapina ainda no período que este morou no Seminário de Olinda em 1832, um ano após a sua chegada e posse na Diocese pernambucana. Devido isso, abrir-se-á um tópico para analisar essa amizade que culminou na colação eclesiástica de Ibiapina, faltando pouco para sua promoção como sucessor do bispado.

Na cerimônia de ordenação, estavam presentes os dois amigos da esfera jurídica de Pernambuco, os senhores Carlos Frederico Marquês Perdigão e José Pedro Werneck Ribeiro de Aguillar[20]. Ambos foram integrantes da diplomacia brasileira, portanto, possuidores de relevante *status* social e influência institucional. Vale ressaltar que o sistema vigente do padroado exigia a aprovação civil do quadro que constituía a Diocese, que por sua vez era constituída de paróquias e prelados. Além disso, Carlos[21] era sobrinho do bispo, ou seja, mais um integrante da cadeia de relações que ligou quase familiarmente Ibiapina ao ofício do sacerdócio.

Após a ordenação, demorou-se ainda dez dias para a celebração da primeira missa de Ibiapina, que foi escolhida por ele para ser na Igreja da Madre Deus, onde havia residido na juventude. Sob a orientação e observação do Padre Vicente Pereira da Silva Guimarães, mais um conterrâneo cearense e amigo do personagem. Este era mestre de cerimônias do Sólio Episcopal, e possuía grande estima junto ao bispo Dom Perdigão. Seu irmão, o deputado geral pelo Ceará, Dr. Pedro Pereira da Silva Guimarães matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife um ano depois da saída de Ibiapina, em 1833, sendo ambos integrantes dos mesmos espaços nos caminhos da Justiça e da Política na primeira metade do século XIX.

Depois da pequena incursão sobre as relações sociais de Ibiapina em Pernambuco durante os anos de 1850 e 1853, verifica-se que ele ordenou-se quase num ambiente familiar, entre amigos e companheiros da época do curso de Direito no Recife. Isso facilitou a excepcionalidade da cerimônia que o concedeu às ordens eclesiásticas, já

---

[20] Segundo MAGALHÃES *apud* ARAÚJO (1995): "[Em 1888] foi encarregado de negócios no Chile".

[21] Dr. Carlos Perdigão foi proprietário e redator da "Gazeta Jurídica", com sede no Rio de Janeiro. Fez parte da Ordem dos Advogados Brasileiros e é autor do Manuel do Código Penal Brasileiro, de 1830 (In: Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense, Vol. 1).

que elas foram reduzidas num processo menos burocrático e de pouco cerimonialismo. Caso a influência e a insistência desses personagens junto ao bispo Dom Perdigão não tivesse existido, o padre Ibiapina teria sua ordenação impossibilitada, como aconteceu com um jovem do Ceará, o qual foi intermediário, pelo mesmo bispo, como se verá a seguir.

2.3 Ordenação eclesiástica e vinculação de Ibiapina ao bispo Dom Perdigão

Dom João da Purificação Marques Perdigão era português e se tornou bispo de Olinda em 1831, por decreto imperial, como regia a normal do sistema do padroado. Sua ordem era a dos agostinianos, que tem como característica principal a evangelização e a caridade aos pobres. Contudo, chegou ao Brasil para ocupar cargo menos itinerante que aquele o qual os religiosos da ordem de Santo Agostinho ocupam – foi tesoureiro-mor do Bispado de São Sebastião do Rio de Janeiro de 1809 a 1829. Seu mandato foi o mais longo da história da Diocese, tendo se estendido até sua morte em 1864. Assumiu o cargo num momento de conflitos internos, que ajudavam no enfraquecimento da estrutura ideológica da instituição.

Ao chegar a Pernambuco, em 1830, tornando-se primeiramente administrador do bispado ao passo que esperava a confirmação de sua posse pela Santa Sé, o que aconteceu em 1833. Embora tenha sido promovido a um cargo de alta responsabilidade, o que sobressai de sua personalidade é a de bispo missionário, que visitava o interior do país em condições precárias, uma vez que doava todos os seus recursos aos pobres. Naquele tempo a Diocese de Recife Olinda era constituída pelas províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas, sendo a do Ceará emancipada durante o seu mandato.

Durante o tempo em que Ibiapina era residente do Seminário de Olinda, onde também estudava, desenvolveu-se amizade com Dom Perdigão, conselheiro e mestre nas decisões cotidianas. Contudo, quando o jovem cearense, já como advogado, intercedeu junto ao bispo pela ordenação de um amigo, o mesmo recusou, causando assim desentendimento entre eles. O amigo Dr. Américo explica isso na carta que destinou ao biógrafo Paulino Nogueira:

> Um dia, escreveu ele, Ibiapina ainda era advogado e fez-me queixas bem sentidas do Exmo. Sr. Dom João porque, falando-lhe para admitir a certa ordenação participar a certa ordenação participar um moço filho da província [do Ceará], o Sr. Dom João, com a simplicidade e ingenuidade próprias de seu caráter, disse-lhe que não era possível

> naquela ocasião, deixasse para adiante. Fiz ver o Sr. Bispo quanto Dr. Ibiapina ficou contrariado e o seminarista foi admitido à ordenação e ele ficou, com isso, muitíssimo satisfeito.

A amizade e o respeito do amigo Dr. Américo sempre esteve entre o bispo e Ibiapina, sendo este último marcado por uma personalidade difícil, afirmação que pode ser percebida durante o tempo que esteve no Ceará como chefe de polícia de Quixeramobim e lá teve desavenças com o presidente da província, o sr. José Martiniano de Alencar. Além de ter estendido os desentendimentos do episódio na comarca para a Assembleia Legislativa, ainda quando era deputado geral. A carta acima mostra outro desentendimento que ele travou, dessa vez com o bispo e que refletiu no momento de sua ordenação.

De caráter arredio, Ibiapina preferia desistir ou não lutar pelos seus desejos, do que travar intrigas com amigos seus. A sua ordenação foi facilitada a partir da interferência de amigos, que estiveram amparando-o junto ao bispo Dom João, que por sua vez "não deixara de exultar com a perspectiva de um auxiliar de tal renome" (MARIZ, 1980, p. 54). O processo aconteceu de forma excepcional, em pouco mais de 15 dias. Em 03 de Julho de 1853 foi ordenado padre, logo celebraria sua missa na capela e doaria os seus bens para os pobres, passando a morar no Palácio Episcopal da Soledade, a convite do amigo Dom Perdigão.

Esse convite não foi a toa, porque o bispo vislumbrava em Ibiapina a possibilidade de torna-lo logo Vigário Geral da Diocese, uma espécie de governador ou vice-bispo, que passaria a auxiliar na administração. Afirma o amigo Paulino Nogueira que "só por mera obediência, como me disse, aceitou nomeação de vigário geral" (RC, tomo II, p. 205). Com essa informação fica claro que Ibiapina que se manter distante dos cargos administrativos e de responsabilidade, mas para não causar mais conflitos com o bispo, resolveu ceder. Os objetivos bem arquitetados de Dom Perdigão o beneficiaram mais do que ao recém-ordenado padre, já que este logo pediu exoneração do cargo e se retirou em missões pelos sertões.

CAPÍTULO III

"E vi que Deus protegia a causa que eu defendia": Articulações intelectuais do Padre Ibiapina

Longe de estar subordinada a qualquer grau de homogeneidade, a História Intelectual se caracteriza, pela diversidade quanto a sua linguagem teórica e seus aparelhamentos procedimentais e metodológicos, que ao invés de instituir mecanismos invariáveis, remete a renovação epistemológica das humanidades e a interlocução entre os diversos saberes.

Esta pesquisa teve por finalidade demonstrar que apesar da emergência de um *topoi* religioso para as ideias e práticas do Padre Ibiapina, ele operou, inevitavelmente com todo um aparato intelectual precedente, inevitavelmente em dois sentidos: primeiro, as ideias com as quais se relacionou, embora minimizadas eventualmente nas suas ações missionárias, mesmo assim elas se faziam presentes, porém reconfiguradas. E por fim, foram retomadas pelo padre Ibiapina em seu significado *strito*.

> Seria injusto acusar o Governo e o povo brasileiro de crueldade; era a impossibilidade que sujeitou os infelizes a tão dura sorte. Olhemos para o céu e lá está Deus, aquele que só nos pode socorrer. E viva o bom Deus que é sempre bem Santo, amável e caridoso. Os centros das Províncias de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, ficaram despovoados por terem os povos emigrado para os brejos e para o litoral em procura de abrigo contra a fome. Muitas outras secas tem flagelado os centros dessas Províncias, mas nenhuma produziu uma emigração tão espantosa que trouxesse tantos males à moralidade e quadros penosos (IBIAPINA, 1877).

Mesmo como padre, Ibiapina falava com preocupação sobre as questões políticas e sociais dos brasileiros, como expresso nesse escrito sobre a seca de 1877. Para tanto, esta investigação se importa ainda em deixar explícito todas às imbricações estabelecidas entre a história das religiões, história política, história das elites culturais e as ideias confluentes em seus "gêneros doxológicos e persuasivos", como se verifica na proposição de Angenot (1982). Neste caso específico, se verifica a perenidade das idéias ainda quando Ibiapina circulou em todos estes cenários em seu trânsito filantrópico pelo sertão.

A herança da História Intelectual tem oferecido à possibilidade investigativa dos processos de assimilação do pensamento que fundamenta as percepções de cada sociedade, os comportamentos coletivos e as práticas culturais que expressam e

traduzem como se têm erigido ideias, culturas e mentalidades, nos quais se expecta uma interpretação globalizante.

> Neste ponto é fundamental salvaguardar-se de apreender a história intelectual como sinônimo de uma história de processos ideológicos e tratados, bem como da adoção de uma hermenêutica sinóptica da vida social e da organização social – a política. Nela se delineia uma peculiaridade ante a história social, que se mostra na ereção de uma classe privilegiada de fatos/objetos: os fatos do discurso[22], via de decifração histórica não provida em outros meios, pela unicidade da sua observação do passado (SANTOS, 2009).

Deve-se manter em perspectiva a ambiguidade intrínseca da expressão genérica *pensamento* quando agrega tipos textuais ou orais em sua diversidade, por exemplo, como se verifica em Ibiapina na adoção de conteúdo argumentativo, polêmico e de discussão dessa textualidade, ao passa que se verifica implicitamente características autoritárias, pois ainda que formalmente sejam de gênero coloquial, as cartas de Ibiapina eram, efetivamente, ordens a serem cumpridas.

Este princípio da ordem revelava a assimilação por parte de Ibiapina dos pressupostos jus-filosóficos que dominavam o ambiente intelectual do Recife, sobretudo, a partir da Faculdade de Direito. Segundo Veiga (1988), o clero mais iluminado voltava-se menos a questões teológicas e mais a ordem ambiente, no que é corroborado por Kidder (1980). Veiga ainda informa os pressupostos do debate, uma vez que

> O conceito de ordem, até meados do século XIX, seria a manutenção a intagibilidade da Constituição outorgada de 1824, a manutenção do "sistema jurado", vinculando-se a lexia Ordem ao sistema Jurídico. A Ideia de Ordem comporta um espaço ou espaços bem distribuídos, organizados, sem rupturas e, ainda, a tendência de considerar o tipo de Ordem vigente como "natural" e, portanto, intangível, perfeita (Ib. p. 34)

Estes elementos de uma ordem rija como fundamento da vida social se encontram em Ibiapina desde os tempos do seu exercício de magistratura no Ceará, e será transposto para a gestão das Casas de Caridade, com as devidas mediações. Ao presidente da Província, o senhor José Martiniano de Alencar, dizia ele em 1834:

---

[22] Não se ignore o liame que marca a relação política, ideia, mentalidade, cultura, literatura e outros saberes, no plano discursivo.

> Participo a V. Exa. que no dia 10 deste corrente mês tomei posse da vara de Juiz de Direito desta comarca. *Pronto, portanto, estou para obedecer às ordens* de V. Exa. e executar as leis na parte que me toca. Aproveito esta mesma oportunidade para pedir a V. Exa. força com que possa punir os criminosos. V. Exa. sabe bem avaliar o estado das coisas desta comarca e providenciará, portanto, a tal respeito, enquanto eu, no círculo de minhas atribuições, emprego todo o meu cuidado, *para que de uma vez o crime deixe de zombar das leis*. Deus guarde a V. Exa. muitos anos. Vila de Santo Antônio de Quixeramobim, 14 de dezembro de 1834, José Antônio Pereira Ibiapina.

Nas Casas, mais tarde, em 1875, a lógica era a mesma:

> Irmã superiora, etc.
> Não receba direção nem imposição alguma do irmão Francisco, e sua comunicação com ele seja só para pedir-lhe o necessário, e receber o que pedir, e quando falte, me faça aviso, que remediarei de pronto, querendo Deus; portanto você é quem dirige o portão e a portaria, permitindo, se lhe convier, que as mães das órfãs, visitem suas filhas no Domingo, marcando hora para isso.
> Ninguém lhe pode impedir de ir a missa no Domingo, somente *lhe recomendo muita vigilância sobre as órfãs inquietas para que não pareça que você não pode ou não sabe sustentar e dirigir o governo da casa*; e *se alguma coisa extraordinária aparecer, mandarei para aí Superiora que se faça temer e você terá melhores filhas em outra casa*. Como, porém, você tem bem acomodadas suas filhas, nada temo, confiando na Divina Providência (IBIAPINA, 1875).

Se pensarmos na ambientação intelectual do espaço onde ele viveu, nas conjunturas políticas dos sucessivos movimentos insurrecionais e na tensão permanente entre *saquaremas* e *caramurus* que representavam os dois principais vieses políticos, conservador e liberal, constatamos uma sociedade instável, onde facilmente se criou a estrutura para um discurso em torno da ordem, expediente tão caro a Ibiapina.

Todavia, não se deve esquecer que toda Ordem é uma entre outras diversas ordens, uma vez exposta ao enfrentamento das ideias, caracteriza os demais modelos como *desordens* ante a Ordem que ganhou legitimidade e que se impõe. Dito isto, torna-se fácil inferir como qualquer ordem se pretende como a realidade e em geral a História tendeu a ser a história de uma Ordem, *ipso facto*, de uma realidade.

Como explica Stark (1964) é próprio das sociedades a eleição de um ponto de observação concreto a partir do qual seja possível contemplar o amplo, o ilimitado campo do que existe. Sua própria imagem da realidade, escolha desde o qual a realidade é contemplada, depende em toda sociedade concreta das relações humanas, que fazem

com que tal sociedade seja o que é, porém, não se afirma que os interesses pessoais ou setoriais se apresentem no primeiro momento da constituição de sua existência.

3.1 Intelectulidade e Catolicismo

Tema controverso, a religião foi protagonista e coadjuvante em variadas circunstâncias. E nesse cenário foi personagem proeminente o deão Faria, inconteste líder entre o clero da diocese, maçom, doutor em Direito, cujo perfil era o de controvertido e belicoso. Citado aqui porque, segundo ele, estava superada a fase mais contestatória em relação ao catolicismo e "tudo anuncia que se aproxima uma época de recomposição moral das sociedades", leia-se a cristianização da Ordem Social, tempos que descrevia como aquela

> [...] em que o povo desenganado pela experiência de que as teorias políticas imaginadas pela filosofia tendo por base uma quimera – o contrato social – não tem servido senão para tornar vacilante a autoridade, precários os direitos e a liberdade do Homem... Dividir os cidadãos em opressores e oprimidos, legitimar as revoluções, despedaçar os tronos (VEIGA, 1984, p. 17).

Situava-se em conjuntura política específica a conciliação imperial, supondo que a conciliação entre o religioso e o político se estabelecia paralela à conciliação política interna grupos clericais nas Igrejas Católicas de Pernambuco e do Brasil. Como dito no capítulo anterior, a crise que se vivenciava nesses espaços era fruto de um projeto superado de cristandade, o qual se encontrava cada vez mais ameaçada por outras ideologias emergentes nesse contexto.

O fato é que tal "discurso de restauração religiosa" perpassou os ambientes da faculdade de Direito e dela emanou para o cenário intelectual de então, sobretudo, quando ali tomaram acento nas cátedras Brás Florentino de Souza, Pedro Autran da Mata Albuquerque, orientador de Ibiapina como já vimos, e uma das suas principais influências intelectuais, e José Soriano de Souza formando o "cinturão ortodoxo" que enfrentou a esquerda lamenaiseana.

Retornando a retórica de Faria, esta ecoava entre os seus alunos do Seminário de Olinda e com ela se encontrava o pensamento do nosso missionário, que disse anos mais tarde da sua estadia na instituição que "*sem religião* não há moral, sem moral não há

costumes, sem costumes *não a forma de governo*, por mais bem combinada que seja, *que possa fazer a felicidade social*":

> Como se pode viver sem Deus? E como é forte a confiança nele! Aprendam os humanos que com Deus tudo se vence, mas sem Ele é insuportável a vida. Este quadro visto de longe assombra e de perto entristece o varão mais forte. E nós, só com a vontade de Deus resignados, olhamos a morte sem susto e sem horror, uma vez que por Deus nos venha ela, pela peste ou pela fome. Ó bom Deus, só vos peço que não me falte, na extremidade desta vida penosa, a resignação e conformidade com a vossa santa vontade, donde nos vem o que sofremos. Algum bem nos deve trazer estas penalidades e um deles é reconhecer que sem Deus não se pode viver, e que só dele depende o remédio dos males, pois o poder e a medicina humana não os atingem. Estar na crise penosa, com sinceridade, é grande bem de Deus, é como se estivéssemos na véspera do martírio. Só em Deus devíamos pensar e procurar mais a Ele nos unir (IBIAPINA, 1879).

Nesse sentido, pode-se afirmar que Ibiapina foi forjado num ambiente descrito pelo professor Aprígio Guimarães e citado por Thiago Lara:

> O que perdemos com a mudança?[23] Um espírito de corpo, por assim dizer feudal, para ganharmos toda a sua plenitude o espírito que rege a *sociedade livre com a Religião do Evangelho...* Ali, nas solidões de Olinda com um feroz espírito de classe, havia soldados da cruz, é verdade, mas o socialismo discutia-se desassombradamente nos corredores de S. Bento e os discípulos de Platão e Fénelon pensando que o mundo era Olinda, imaginavam corrigir as leis sociais de Deus. (APRÍGIO, apud, LARA, 1988),

Mas, como mencionamos havia outra face do catolicismo nordestino distante desse modelo de convicção militante. Segundo Gláucio Veiga, a segunda metade do Dezenove assistiu a emergência de uma literatura maçônica, o que não representava novidade, pois "n*o Curso Jurídico de Olinda o espaço cedido a religião e aos crentes é bastante exíguo", uma vez que progressivamente*

> O catolicismo não passava de uma cortesia religiosa, sem maiores comprometimentos. O Clero, não iria além de funcionalismo público de batina.
> O catolicismo dissolvia-se numa religião natural. As energias, portanto, seriam deslocadas para a política.
> Os partidos não eram propriamente nacionais, nem havia problemas nacionais a resolver.

[23] A Faculdade de Direito teve sua instalação primeiro em Olinda e depois se transfere para Recife .

> *No ambiente de um liberalismo militante caracterizado, sobretudo, pelo combate a intolerância religiosa e seu consectário, o anticlericalismo, convencido que estava da perfectabilidade humana, forjada sobre a tríade* ***igualdade, laicismo e progresso*** (VEIGA, 1988, p. 183-185).

Ora, não se ignora e as teses de Stark confirmam que as práticas sociais – religiosas ou de quaisquer outras ordens – referenciam-se em diversas matrizes de pensamento, no sentido que incontáveis construções e interpretações da realidade são igualmente possíveis, mas em princípio só uma delas pode ser realizada e elaborada em um momento determinado, sendo a seleção da mesma é efetuada recorrentemente, de tal modo que surge um universo mental que haverá de encaixá-la na pauta de relações humanas características e constitutiva da sociedade em questão.

É neste contexto das matrizes de pensamento paradigmático adotado para fundarem modelos ideais, sinônimo de civilização, que Ibiapina remete elogiosamente a "todos os povos civilizados", providos de cidadãos "sérios da Sociedade", sendo o contrário alvo de crítica no seu discurso jurídico, já que afirmava que "todas as vezes que as leis não se baseiam nos costumes e caráter dos povos" a civilidade é destroçada. E somente através da "honra [que] é superior a tudo nos países onde a opinião pública é superior as molas sociais" esses povos incivilizados terão "salvação".

Sem romper as influências intelectuais políticas e jurídicas, Ibiapina passou a raciocinar de acordo com a lógica da cristandade, uma sociedade guiada pela religião católica, entendendo que é "quase uma tentação preocupar-nos com pensamento que nos distraem de nossas ocupações por Deus marcadas, por isso não mais quero o que queria", eis um indício da sua ruptura com uma militância política, jurídica, secular, em favor da devoção religiosa.

Suas práticas religiosas durante sua missão filantrópica podem ser mais bem compreendidas ante a advertência de Stark, que afirma ser em certas situações um grupo pode formar sua própria visão de mundo ou "uma seita pode formar seu próprio marco mental desafiando os pressupostos e interpretações básicas da maioria" (p. 7). Em tais casos os modos de pensamento originados por interesse podem surgir mais precocemente e exercer uma influência maior que a comum.

Todavia, mesmo legitimada, preponderante ou hegemônica, nenhuma ordem ou sistema por mais projetada permanece asséptica. As outras ordens (desordens) e outras realidades "contaminam" a Ordem ou Realidade "oficiais", como queria Veiga e suas formulações pelos seus "intelectuais orgânicos".

Efetivamente, a História Intelectual se estabelece como uma experiência crítica e conflitante com outras matrizes, na medida em que se apresenta em oposição as fórmulas clássicas de exegese textual, e por isto mesmo sua ênfase não é formal. Todo discurso é resultante da operação que lhe deu forma, incapaz de qualquer hermetismo entre este processo e as significações imaginárias que apropriou e que oferece, inclusas aí o referente cultural das necessidades e costumes. Por isto a questão a investigar sobre a forma de acomodação dos costumes – religiosos – e as necessidades – sociais – dentro de um discurso que se elabora, notadamente quando a ele se pretende dar caráter normativo.

No dizer de Altamirano "se o propósito que guia a interpretação é um propósito de conhecimento é necessário precaver-se, como ensina Jean Starobinski, contra a sedução do discurso mais ou menos inventivo e livre, que se alimenta apenas ocasionalmente da leitura" (ALTAMIRANO, 2007, p. 13) para cotejá-lo com toda uma moldura ideológica e específica da natureza de cada texto. Reconhecer privilegiadamente a face religiosa do texto, como as correspondências de Ibiapina com as responsáveis pelas Casas, por exemplo, condena a interpretação tanto quanto reconhecer um conteúdo histórico, político, cultural adotando um modelo pela expropriação de sua contra-face.

Pelo que está dito no parágrafo precedente é que se pode fazer o exercício de compreensão sobre Ibiapina intelectual. Seus textos são em maioria inventivos e livres, porque vazado em correspondência. Mas Ibiapina o enunciador do discurso, de qualquer gênero tipológico e a fala de *uma experiência crítica e conflitante com outras matrizes,* o secular e o sagrado, *na medida em que se apresenta em oposição as fórmulas clássicas de exegese textual,* principalmente, em sua formação jurídica e teológica, *e por isto mesmo sua ênfase não é formal.*

Ora, afirmamos que t*odo discurso é resultante da operação que lhe deu forma incapaz de qualquer hermetismo entre este processo e as significações imaginárias que apropriou e que oferece.* Em Ibiapina, num fragmento biográfico isso é bastante evidente:

> Donde me vem este pensar e sentir? Desde o começo de minha vida que as desgraças me cercaram, meu Pai fuzilado pela política, meu irmão desterrado onde morreu desgracadamente e minhas irmãs em tenra idade abandonadas em casa de parentes, deram ao meu espírito uma direção tão penosa que aprendi a pensar seriamente para coisas penosas.

> Reconheço que esses revezes me explicam essa tendência do meu espírito, mas bem vejo que tudo isso é providencial que me fazia marchar intrepidamente no caminho da virtude que ele me criou (IBIAPINA,1880).

Ibiapina anuncia que é a realidade concreta, a experiência existencial que exigiram dele a elaboração de uma explicação acerca do mundo e das coisas, mundo e coisas originadas em Deus. Depois se volta ao impacto do ambiente social, material e intelectual. Material, na visão trágica da tragédia humana à qual devotou a vida a remediar:

> Mas não era possível que a sua ação beneficente [do governo] se estendesse a todos os lugares e a todos os indigentes, pela diferença e longitude das localidades, faltando cavalos e quaisquer outros meios de transporte. Em geral os brasileiros são caridosos, mas o socorro que se lhes pedia excedia à possibilidade (IBIAPINA, 1877).

Intelectuais, na rememoração de sua vida secular:

> *Que mérito tem as coisas passadas há longos anos que, pensando nelas, dizem mais que do importam, por encerrarem mistérios providenciais que só no correr dos anos e com a reflexão se descobre?*
> [...] o espírito pensador não pode deixar de cismar sobre o seu próprio destino e das coisas que o cercam, e por isso perder o desvanecimento de possuí-las (IBIAPINA, 1880).

Por tratar-se de uma verdade pretendida – como todo discurso se enuncia de uma pretensa posição de verdade – política, ética ou jurídica, retirando da doutrina que adota seus pressupostos e sua conformidade, a formação social não é proporcional, recorrendo a modelos que em si demandam a análise interpretativa da História Intelectual.

Dada a sua perspectiva de construção e de operação da Ordem Social os textos propostos como de conteúdos religiosos, sobretudo ante a configuração da sociedade brasileira, nordestina em particular, são em si mesmos inseparáveis da ação política, consequentemente da apropriação dos retores do seu conteúdo. Isso se faz em grande medida pela adoção de um mesmo projeto social, pacificado na literatura que aponta o catolicismo como um protagonista político. Isto permite inferir como a doutrina religiosa está, portanto, cativa desta mediação *ideológica.* No dizer de Altamirano "trata-se de textos de combate ou de textos de doutrina, durante o século XIX todos se

ordenaram ao redor da política e da vida pública, que forma nos primeiros cem anos impulsionadores da literatura de ideias em nosso país" (p. 14).

Quando referimos a história intelectual, apontamos a possibilidade de distinguir história intelectual de uma *história de sistemas formais de pensamento,* desenraizada da vida social, prevenindo o historiador de centrar sua análise em circuitos analíticos que se esgotam no próprio sistema de ideias e na interpretação. O grande desafio de tal exercício historiográfico é indicar a conexão das ideias com a realidade social que as gerou, isto é, instituir um contexto, para além de um circuito de interpretação (LOPES, 2008), reconhecendo que projetado em todo discurso sempre houve realidade meta-textual.

3.2 O ambiente social e as articulações intelectuais do Padre Ibiapina

Mas afinal, qual foi a realidade social geradora das ideias que ambientaram o pensamento originário de Ibiapina?

Nos processos revolucionários nativistas no Brasil, aos quais se remetia Ibiapina com a amargura da morte do pai e do irmão estava posta um "confuso encontro de ideais", como nas revoluções pernambucanas, caracterizadas por certo racionalismo jurídico, o que esteve ausente nas outras agitações, uma vez que a ideia de revolução era reticente pela exemplaridade francesa ou a inquietante revolta haitiana. A síntese era a crise social que convulsionava o Império e as impossibilidades de fato de dar resposta a elas em favor de uma sociedade ideal, a da Ordem.

Em outra carta direcionada ao presidente da Província do Ceará, Ibiapina idealista propugnava uma sociedade sob o império da lei, afirmando:

> O mal tem contaminado tudo; e como para executar as leis se necessita de lançar mão de gente do país, eis aqui aonde está o *nó-gordio*!
> Aqui tem lugar reclamar de V. Exc., cuja voz é ouvida em toda a Província, medidas enérgicas (que eu as desconheço contra tais autoridades) ao menos que metam terror a essas autoridades policiais que consentem no círculo de suas jurisdições pessoas criminosas de outro termo sem a menor averiguação. E [...] aproveitando toda a força da lei, dela não me desviei. [...] Poderiam desgostar-me; mas são pequenas coisas, de que faço caso, e desaparecem a vista do bem do meu país. 30 de Janeiro de 1835 – Ilmo. E Excmo. Sr. José Martiniano de Alencar, Presidente das Província. – José Antônio Pereira Ibiapina.

Que leis imaginava Ibiapina? Que mundo imaginava que faria parte de sua mensagem missionária cristã? A Lei de Deus, entendida como Ordem natural. Aqui uma questão de sua importância para assimilar as articulações intelectuais. Ibiapina conhecia sobejamente o Direito Natural, foi nessa disciplina professor da Faculdade de Direito, conhecia as teses e seus autores. Inevitavelmente lera Tomás Antônio Gonzaga, clássico de sua época.

Para tanto, o *Tratado de Direito Natural* de autoria de Gonzaga, estava a intenção de enfrentar o que supunha ser os erros de Pufendorf, Grocio, etc. A tese que sustentava era que o poder não pode vir senão de Deus, sendo necessário verificar se de forma mediata ou imediata, supondo aquele emanado do povo imediatamente e de Deus mediatamente.

Anos mais tarde, em 1881, o magistério de Ibiapina ecoaria no conflito dos seus contemporâneos em torno do direito de resistência. Pedro Autran, seu orientador e mentor, a defendê-las, e Zacarias Góis, seu aluno, então no Parlamento, defendendo o contrário, que a sociedade é obrigada a obedecer às leis de quem governa, quando são justas e conforme a Constituição do Estado, mas esta obrigação cessa, logo que são evidentemente injustas ou contrárias as leis fundamentais. Ora, se não há obrigação de obedecer a tais leis, há direito de resistir a sua execução.

As revoluções, como afirmava o professor do Seminário, Pedro Autran, não são legais "porque isso implicaria contradição, porque havendo revolução suspensão momentânea da ordem social há aniquilamento momentâneo das leis" e, por conseguinte, elas não podem prever, nem sancionar antecipadamente uma subversão que as destrói, mas Ibiapina desafiara o seu mestre quando se envolveu no movimento Quebra-Quilos, escapando de ser preso, como relata:

> Recebi sua carta e sinto a aflição que sofre com a falsa notícia de minha prisão: o inimigo é o autor dessas notícias para perturbar os espíritos da gente da caridade; mas o demônio está no seu ofício por ser o pai da mentira.
> Eu estou em paz, nem tenho motivo de temer com razão algum mal, mas se acontecer qualquer coisa contra mim, não se perturbem, porque por Deus será permitido para bem da nossa alma (IBIAPINA, 1874).

A compreensão era o Direito Real que tinha origem direta e imediatamente em Deus. Portanto, o poder espiritual do papa, quanto ao poder temporal dos reis encontravam fonte direta em Deus, não havendo hierarquia entre eles. Este quadro, e nele a sombra de Ibiapina, evidencia que mesmo antes da sistematização do padre

Ventura sobre a posição da Igreja, publicadas em 1858/1859, Autran recorria ao aparato teológico, o que nos permite reconhecer que a herança do pensamento sobre o direito de resistência não estava cativo da tradição coimbrã[24]. Toda essa trajetória faz Veiga (1988) concluir que "as surpresas de Zacarias ante os textos de Autran denunciavam a desinformação do primeiro, quer quanto ao pensamento da Igreja, através do aquinatense e de Suarez, quer quanto a tradição do direito lusitano, particularmente, no que respeita a atividade legislativa das cortes de 1641" (VEIGA, 1988, p. 77).

O apoio ou justificação dos teólogos ao movimento não estava seduzido pela paixão libertária ou democrática, mas erguiam-se em defesa da instituição eclesiástica e do papado como vimos. O que efetivamente se encontra em Autran não é uma retórica democrática ou esquerdista, ao contrário, os postulados que fundariam o anteparo eclesiástico na Questão Religiosa a seguir, a doutrina tomista da qual se apropriaram os jesuítas no enfrentamento do poder temporal, e que rigorosamente, apenas reconhece a herança molinista[25] traduzida na teoria da resistência.

Segundo Silva (2002), a História Intelectual investe na capacidade do locutor, na força elocucionária dos discursos, na capacidade do sujeito em situar-se como ator agente ativo, em oposição a interlocutores reais *como coeficiente de força que quer atingir um alvo em sua existência histórica concreta.* Os documentos então indicam no caso de Ibiapina que seu circuito de interlocução era apenas o saber formal (jurídico), os saberes teológicos de sua formação, a ordem política e as ideias seculares que emergiam na segunda metade do Dezenove e que constituíam as correntes intelectuais configuradoras das representações coletivas são agregadores ao seu discurso.

Pensar contextos, espaços, temporalidades, não significa sugerir que as ideias se prestam ao confinamento destes elementos, uma vez que, como já demonstrou Lavejoy (2005) as ideias são fenômenos migratórios, e embora ligadas a seus marcos culturais, permite sempre graus variáveis de universalidade, exatamente no processo relacional que as associam a outros marcos culturais, de outras representações coletivas da realidade em suas práticas históricas, não se constituindo resultado de plasmações de projetos conscientes.

---

[24] Questão literária ocorrida em Portugal no século XIX que contrapunha os defensores do *status quo*, sem detenção de cultura e instruções intelectuais e os jovens ambientados na Europa, receptores das novas ideias da época.

[25] Desenvolvido pelo jesuíta Luiz de Molina, os herdeiros sustentavam a ideia de que Deus além de saber tudo o que vai acontecer e o que aconteceria aqueles que agissem de forma diferente das ações predestinadas.

Nas Instruções e Máximas Morais escritas por Ibiapina, a ideia de uma ordem natural é reincidente, não distante dos postulados jurídicos sobre Direito Natural que ele tivera acesso, embora não elaborado como norma de teoria jurídica, como se vê:

> Há mentira, não só em dizer o que não se sente, obrar contra a verdade, com afetação e artifício; porque contraria a verdade do que é natural. 1.3
> O falar muito é uma violação das *leis da natureza*, porque fala-se mais do que se ouve e vê, quando a natureza nos impõe ouvir duas vezes, ver outras tantas e falar uma depois que a razão tem dirigido a palavra. Mas falar muito é não atender a esses *preceitos da natureza*, e precipitar-se no abismo como cego sem guia (IBIAPINA, s/d).

Neste particular, as explicações de Lovejoy (2005) coincidem com as concepções de Stark quando sugere que as ideias manifestadas sejam tomadas pela realidade, implicando a realização de impulsos subjetivos e determinadas por interesses, cuja racionalidade e sentido se dirime em outros âmbitos de realidade histórica e seus pressupostos antropológicos. Segundo o autor, citando Geiger "é questionável que exista algum ato mental que não implique de algum modo vontade" (GEIGER, apud Stark, op. cit, p. 6), isso demonstra que no encontro de ideias os contendedores podem estar convencidos de uma verdade, lutando por uma causa retoricamente. Desse modo, "constroem" as situações em que operam, interrogando até que ponto as ideias estão condicionadas pela situação sócio-existencial dos que traduzem a realidade em forma discursiva de ideias articuladas, que efetivamente expressam o resultado de convicções e disposições inconscientes, diversamente expressas no processo iniciativo. Como afirma o mesmo autor, "cremos facilmente no que desejamos que seja o certo" (p. 5) constituindo a tarefa dos intelectuais elaborá-las ao trazê-las à tona.

Skinner (1969) lembra que o que particulariza e especifica um conteúdo só conhecido no contexto não é o *nível textual, pois não é emanação de realidades prévias*, deixando o contexto de ser o determinante do dito, tornando-se apenas instrumento de possibilidade que permite dizer quais significados convencionalmente reconhecidos em tal sociedade podia fazer possível a alguém tentar se comunicar no âmbito de um conjunto de convenções que delimitam a qualidade das afirmações disponíveis a um autor (as condições semânticas de produção).

Eloquente, portanto, é o discurso de Ibiapina que não distingue o cristão e o pensador em determinado contexto, como se vê em um dos seus discursos: "Um dos grandes pecados contra a caridade é o egoísmo, que vem a ser, cuidar só de si, e só para

viver; quem tem tais pensamentos é claramente reprovado perante o verdadeiro Cristão *e o pensador*".

Portanto, o objetivo último de uma História Intelectual é entender não o que disse cada autor e sim como foi possível a ele dizer o que disse em um contexto determinado. Da mesma forma em que não há novidade em reconhecer que os homens fazem uso de ferramentas conceituais, porque não tem acesso imediato ao sentido das ações e eventos, igualmente se remetem a questões referentes as relações de poder pra indicar "quem coage quem, com que meios, em função de quais necessidades" etc.

Ao analisamos o epistolário de Ibiapina, momento de acentuada importância na sua caminhada intelectual, podemos nos aproximar de Kosellek (1992) quando este diz que o exercício historiográfico em torno das ideias intelectuais permite o provimento instrumental teórico-metodológico para a compreensão histórica, que *não se reduzam a mera afirmação do que a análise das suas determinações contextuais possa apontar.* Na verdade ele sugere que somente quando um termo/ideias se carrega de conotações particulares diversas se converte num conceito. Assim, na medida em que condensa a experiência histórica um conceito articula redes semânticas, portanto, as redes semânticas de Ibiapina emergem de sua correspondência, embora elas tenham um caráter pragmático, da condução do cotidiano das Casas, estão ancoradas no arcabouço conceitual que formou o homem Ibiapina e que se tornou padre e missionário.

Nesse sentido, a história conceitual se distingue de uma história social porque *pode prover chaves para reconstruir processos de longo prazo,* mas esta nunca esgota aquela, como se percebe nesta confissão de Ibiapina sobre si mesmo: "É pena que me tenham escapado muitos proveitos que si os tivesse obtido teria um completo diretório providencial que me faria achar intrepidamente no caminho da virtude. Si eu lhe fosse fiel como devera minha posição espiritual seria bem diferente".

Os fatos sociais, aos quais o fazer historiográfico mais contemporâneo tem nomeado de "trama extra-lingüística" ultrapassam a linguagem, na medida em que a realização de uma ação excede sempre sua mera enunciação ou representação simbólica. Enquanto cristalização de experiências históricas, pode eventualmente alterar-se, frustrar as expectativas vivenciais nele sedimentadas, ganhando assim novos significados, isso tudo ultrapassa o conteúdo do texto, abre uma nova perspectiva enquanto relação entre texto e contexto, quebrando-se a alteridade entre ambas as instâncias.

Nas expressões intelectuais, as condições de enunciação (quem fala, a quem, donde, como, etc.) passam a ser parte integral de *sentido* de texto. Daí que, a fim de compreender realmente os mesmos seja necessário transcender sua instância textual, que traduzem o caráter plenamente histórico (contingente) das formações discursivas, a exigir a análise da série de premissas que subjaz a cada forma particular de discursividade. E como diz Koselleck: "Aqui reside o cerne da transformação da disciplina: a nova História Intelectual se orienta a deslocar as visões teleológicas nas quais tais tendências normativistas inerentes a história das ideias se funda. (KOSELLEK, 1992, p. 301)

3.3 Ordem, linguagem e intelectualidade

O historiador José Murilo de Carvalho afirma que "cada auditório terá seus valores, cada época terá seu auditório" por isso mesmo era despropositado que o Padre Ibiapina se reportasse com linguagem formal, jurídica, erudita as irmãs das Casas de Caridade de origem intelectual modesta. Ora, na medida em que em dadas situações um grupo pode formar sua própria visão de mundo ou "uma seita pode formar seu próprio marco mental desafiando os pressupostos e interpretações básicas da maioria..." (STRAK, op. cit. p. 7), – como se poderiam caracterizar as Casas de Caridade, geridas por Ibiapina –, os modos de pensamento originados por interesse podem surgir mais precocemente e exercer uma influência maior que a comum.

Ao seu modo, quase autônomo, mas nos limites do que lhe permitiam as normas canônicas e eclesiásticas, Ibiapina deve ser compreendido dentro dos movimentos da igreja católica imperial da segunda metade do século XIX, além dos seus expedientes reformistas, e em particular, do movimento ultramontano, que era a cristianização da sociedade. Desta forma, antes que outros interesses possam reclamar sua satisfação, deve ter em vista a exigência fundamental de *habitar num universo compreensível*, no sentido da *plausibilidade* nos termos de Peter Berger, sem ele nenhum pensamento concreto é possível[26].

Todavia, o universo não se mostra compreensível a não ser que seja concebido em termos que se harmonizem, que formem uma só estrutura com os termos que estão

[26] Segundo Berger "cada mundo requer, deste modo, uma "base" social para continuar a sua existência como um mundo real para os seres humanos reais. Essa "base" pode ser denominada a sua estrutura de plausibilidade" (BERGER, 1985, p. 58).

postos na prática social, cosmovisões e suas deformações, como vimos acima na noção de Ordem indicada por Veiga. Importa, então, a esta altura, ter a ciência que um universo significativo é construído e sua construção pode verdadeiramente ser determinada por circunstâncias sociais e históricas. Portanto, nenhuma definição pode pretender validade absoluta *a priori*. Todas as definições são instrumentos de construção da realidade operando com condições que pretendem ser universalmente válidas, buscando conseguir um princípio – religioso, filosófico, político, etc. – que se presuma implícito e pareça logicamente correto. Psicologicamente, é exatamente ao contrário. Nada mais natural, obviamente, devido ao fato que a força motivacional e volitiva que é racionalizada no princípio implícito faz com que o elemento normativo que foi disfarçado na definição pareça ser absoluto e "correto", o que fez com que Ibiapina centrasse suas manifestações na Ordem pretendida, aos moldes de uma cristandade[27].

Ideias podem ser recusadas em uma sociedade diversa daquela nas quais se originou – como religião e secularismo –, mas racionalmente as mesmas ideias podem não ser passíveis de serem contraditas. Para Ibiapina, o caminho da piedade era o ideal para a formação dos membros da sociedade e a piedade se traduzia na obediência, características da religião e a norma social.

> Há outro meio mais fácil de aproveitar a oração do trabalho, e é consagrar-se completamente a Deus, em pensamentos, palavras e ações, protestando tudo fazer só por amor de Deus, contanto que o que se fizer, seja em desempenho dos *deveres, que a religião e a sociedade nos impõem* (IBIAPINA, 1879).

Ao mesmo tempo deve-se pensar que "aqueles que aceitam uma determinada ordem social e a cumprem com seu modo de ação, não devem ser censurados por pensar com os meios mentais que estão implicados nessa ordem e reflitam desse modo, pois isto não seria "natural" (STARK, op. cit. p.15)". A contra-face de uma ordem pretensamente natural seria a ideológica, exemplifica uma visão particular do mundo, possível entre outras, e que se adaptou e surgiu do princípio ou princípios constitutivos da sociedade que deu origem.

O historiador das ideias quando quer investigar qualquer sistema particular de pensamento exposto no passado e lançar luz sobre suas origens se depara com a

[27] Cristandade no dicionário quer dizer conjunto e povos de países cristãos.

dificuldade, eventualmente, da impossibilidade de dizer a forma e o conteúdo concretos que estavam determinados pela expectativa social, ou por imagens feitas de desejos, ressentimentos ou "outra bagagem psicológica", que levava o autor em seu (in)consciente. Ibiapina nos permite vislumbrar esta trajetória da origem, dos desejos, da "bagagem psicológica", quando declara:

> Não é dado ao homem seguir o que lhe parece melhor. Nas mãos do nosso bom Deus está o nosso destino e direção; fora dele é tudo mau embora nos pareça bom! Quando contemplo a vida que passavam os Cenobitas[28], retirados do mundo, contemplando as belezas da natureza, o saber, o poder e a bondade do Autor de tantas maravilhas... Oh! Quanto me edifica uma tal vida!
> [...] Oh! Quanto aprecio o valor da solidão, a vida silenciosa e contemplativa! (IBIAPINA, 1880).

Em Ibiapina se caracteriza os elementos de determinação social das ideias, imbricados nos elementos da crença – entendendo a determinação como o pensamento fixado pela pauta contemporânea da vida social. Porém, esta última é a uma só vez estabelecida por valores fundamentais que a sociedade em questão persegue como ideal axiológico. A mesma ordem de valores se expressa na ação e na especulação, sabido que o pensamento livre de valores é uma utopia que não acha correspondência na realidade concreta, pois um universo sem valores seria um universo sem pensamento e sem ação, impossível à existência humana.

Ainda segundo Stark (1964), o pensamento socialmente determinado não é ilusório, mas sim uma forma cristalizada de pensamento, que está atrelado a um princípio de especificação histórica. Isso tem consequências importantes. Entendemos facilmente o que se diz e o que se faz dentro do universo de significação ao qual pertencemos (que é também o nosso universo de ação prática e experiência, nosso mundo social), justamente porque nossas mentes têm sido condicionadas de tal modo, não achamos de nenhuma maneira fácil entender o que se diz e o que se faz dentro de outro universo (dentro de outro mundo social), carecemos das chaves a partir dos quais os pensamentos foram construídos. *Enfrentamos os produtos mentais de outras sociedades com hostilidade,* como aconteceu com Ibiapina em relação ao não religioso, o não conforme a natureza fundada no sagrado, a injustiça da negação desses fundamentos, era o outro universo não compreensível, a fonte de males que julgava punição divina sobre a conduta humana, se referindo a elas como as "...desgraças do

[28] Monges que vivem em recolhimento.

mundo especialmente do Brasil, não só pelos males que viram, mas pelos que já sofremos".

O indivíduo não tem vida autônoma em referência ao complexo social que o absorve, e Ibiapina sabia que não se podia, nem se devia viver em oposição as regras sociais, aos deveres, que a religião e a sociedade nos impõem, aos quais referimos. Porém, se há uma possibilidade de que o indivíduo possa afastar-se mais tarde da pauta que a si foi do imposta, é uma questão à parte a ser considerada em seu devido tempo, por implicação. Porém, se a estrutura da mente é mais tarde refundida em um molde diferente ou mais amplo, o molde será sempre alguma forma de vida social, da ordem social que há imprimido sua marca no indivíduo em questão.

Como afirma Speier (1964):

> Só serão capazes de desenvolver seus próprios e específicos universos de pensamento, dando forma concreta ao pensamento humano, aquelas formações sociais que sejam – ao menos em potencial – modos de vida assim como modos de pensamento, que tenham em si, por assim dizer, elementos para controlar e modelar a ação humana e as inter-relações humanas assim como as ideias humanas (SPEIER, 1964, p. 22).

Se esta concepção estava enraizada na realidade, também o curso social e moral do mundo resulta sublimado pelo desígnio de uma Ordem Providencial, então, também conduta social e éticas dos homens particulares, disciplinado por um duplo regime de racionalidade, por efeito de um "princípio superior de reflexão".

Segundo Veiga,

> Daí porque todos os homens têm que obedecer esse princípio superior de reflexão e quem pretendesse modificar as relações entre os homens, a fim de lhes assegurar uma felicidade maior, poderia estar alterando os desígnios de superiores de uma harmonia pré-estabelecida já traçada e chegaríamos a uma contradição de tal modificação, mesmo carreando maior bem estar, ser qualificada de *monstro moral* (VEIGA, 1990, p. 20).

Na sociedade oitocentista, o jornal O ATHENEU PERNAMBUCANO, periódico da sociedade literária fixava matrizes numa militância fundada sobre os "limites que a razão, a religião e a sociedade impõem", deixando em evidência a razão anunciada primeiro, a religião e a sociedade que, diga-se de passagem, estava em acentuada mudança. E completa:

> *Na área da política, serão tratadas 'propalados e sustentados os princípios da ordem' Vilela, porém, de logo caracteriza que espécie de ordem*: **uma ordem assentada na manutenção do direito de todos, na satisfação das verdadeiras necessidades sociais, no respeito fiel a execução das lei.** *Portanto, não se equipara a 'uma ordem... sinônima de servidão da sociedade a tirania de poucos,* não se ultrapassarão os limites de Deus e da razão" (O ATHENEU,1858)

O monstro moral que diz Veiga correspondia ao contrário do que defendia o mais importante periódico pernambucano, pois que a ordem se mantinham *assentada sob a manutenção do direito de todos, na satisfação das verdadeiras necessidades sociais, no respeito fiel a execução das leis*. Para Ibiapina, a ordem também estava ameaçada, como se vê no escrito:

> Convém saber que as Santas Casas principalmente vieram a estabelecer-se de 1862 para cá e o fim de sua instituição é receber órfãs pobres e desvalidas; educadas nas prendas que deve saber uma mãe de família na sociedade, depois casá-las e dotá-las conforme as circunstancias das Casas. Também há hospitais para receber e tratar homens e mulheres pobres até o seu restabelecimento; sendo todas as despesas feitas pela Instituição. Os que morrem são pontualmente socorridos com todos os auxílios indispensáveis ao corpo e a alma até o jazido; assim ontem estabelecido dezoito recolhimentos para órfãs, e dois hospitais com cômodos para grande numero de enfermos de ambos os sexos.
> É o padre Ibiapina que vos pede uma esmola pelo amor de Deus. Santa Fé, 2 de novembro de 1877.

Sertão, pobreza, miséria e a exigência da caridade. Se a mudança é uma inevitabilidade social, sendo o importante o ritmo em que opera e o movimento é provocado pelos fatores internos, os sistemas de ideias adotadas resultam do seu "ajuste" a realidade social nordestina e brasileira concomitante a outros sistemas de ideias. O que significa dizer que Ibiapina fazia esta hermenêutica da realidade social, sem se divorciar do acompanhamento do cenário internacional, como se depreende da afirmação que faz: "Neste século um homem tem dado o maior movimento contra Deus e é o príncipe Bismark, que tornando-se poderoso pela vitória contra a França tomou tão alta posição que, dominando as maçonarias, vai decidindo a sorte do mundo".

Nosso esforço foi demonstrar que o missionário quase ermitão, amante da solidão e da contemplação, vivia o seu século, acompanhava seus movimentos, seus ritmos e suas ideias muito mais do que se evidenciou nas biografias e nos estudos desenvolvidos sobre ele. No plano nacional, ele se colocou a partir da "questão que abalou o Império", a Questão Religiosa ou Questão dos Bispos. Eclodido o conflito, o

missionário retoma seu aparato de formação intelectual de jurista e teólogo ao julgar a questão, articulando efetivamente questões políticas e religiosas envoltas no episódio. Ainda que estivesse distanciado dos grandes centros sociais não poderia silenciar as suas visões de mundo, a sua sede por justiça e a sua carência por compreensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer essas páginas, fruto de uma esmiuçada pesquisa bibliográfica e documental, pudemos perceber a lacuna que ainda recaí sobre a biografia do Padre Ibiapina. Essa lacuna que insiste em permanecer nos estudos e que parece não ter fim quando se trata de um personagem emblemático, cuja trajetória oscilou consideravelmente no espaço e no tempo, faz com que as possibilidades de pesquisa se ampliem e se transformem em novos questionamentos, os quais passo-a-passo constitui um apurado dossiê histórico. A importância de ressaltar esse detalhe nas pesquisas no âmbito das ciências sociais equivale ao mesmo de se atingir minuciosamente dados numa pesquisa laboratorial, estatística e outros campos do saber das ciências exatas.

Para não se prolongar mais nas considerações acerca do caráter volátil, porém autêntico de cada pesquisa histórica, reconhecemos o verdadeiro desafio de se dedicar a fazer uma História Intelectual do Padre Ibiapina que se mostrou um homem polifônico em suas influências, tendo alcançado um considerado aparato filosófico, teológico, político e jurídico ao longo de sua vida. Graças a isso pudemos traçar linhas que auxiliaram nas reflexões sobre as articulações intelectuais desse personagem, colaborando com os estudos já existentes sobre a sua trajetória social. Reconhecemos a partir disso a multiplicidade linguística e ideológica que ele era portador os espaços que transitou, as relações que travou e as heranças que deixou para aqueles que estiveram na sua companhia em qualquer um dos momentos de sua vida.

Sabe-se que não é fácil traçar as influências intelectuais dos sujeitos, principalmente daqueles que mais vão se afastando do tempo presente. Com Ibiapina isso não foi diferente, entretanto, pelos vestígios deixados por seus professores, amigos e familiares tornou-se possível rastrear seus pensamentos, categoria tão delicada de se conceituar e se trabalhar na História. Auxiliados por esses fragmentos, entrelaçados com os escritos e os documentos oficiais emitidos pelo padre, percebemos a variedade de influências ideológicas, ao mesmo tempo em que estavam fixadas numa ordem cristã (considerando todas as outras como desordens) que foi tida por ele como a orientadora da sociedade oitocentista, (dês)orientada em meio as outras manifestações emergentes naquele momento.

Fixamos diálogo meticuloso com os escritos de Ibiapina em concordância com a temporalidade em que ele os produziu, tentando com isso reconhecer além das influências intelectuais, as impressões que ele tinha do mundo e da máquina social no

século XIX. Observamos que as heranças da Faculdade de Direito, da Assembleia Legislativa e da Magistratura no Ceará permaneceram na sua comunicação mesmo durante as missões no sertão nordestino, ainda que de forma diferenciada, dada a situação e a adaptação que sofreram para se adequar ao contexto das Casas de Caridade, das Irmãs e das pessoas em que passou a lidar, portadoras de baixa instrução intelectual.

A priori almejava-se entender qual o motivo levou esse intelectual, o Padre Ibiapina, bem inserido e bem reconhecido nos centros sociais do século XIX, a optar por uma vida reclusa e de pouca relação com os trâmites políticos do Império. Logo se viu que essa pretensão correspondia a uma imatura tentativa de desvendar questões pessoais que, por vezes, nem mesmo Ibiapina saberia responder no seu tempo. O problema foi, portanto, se direcionando para as suas elucubrações intelectuais até chegar propriamente nas suas manifestações por meio de correspondências, ofícios, processos criminais e outros meios que lançamos luz nesse estudo monográfico.

Com isso, avançamos paulatinamente nas experiências vivenciadas pelo padre, que ricamente presenciou acontecimentos considerados marcos nos oitocentos. Sem deixar de lado as suas convicções religiosas, atuou como deputado federal fazendo valer as intenções do partido dos *moderados*, o qual fez parte e depois se desvinculou. Posteriormente, levou sua bagagem intelectual para o exercício de Juiz de Direito no Crato, acreditando que pudesse vencer os *males sociais* daquela cidade, mas decepcionou-se ao perceber a descrença e os interesses do presidente da província. Ao final da caminhada secular, persistiu ainda na sua sede por justiça e se aventurou pelos mundos da advocacia, profissão por formação, mas que também o desestimulou em termos sociais e emocionais. Perdido, resolveu isolar-se e lançar luz a leituras mais ao lado da religião e da fé cristã.

A ordenação de Ibiapina não significou mais do que o laço que pretendia firmar com um sonho antigo, o de seu pai e de sua família paterna. Vale ressaltar que naquela época, os maiores intelectuais estavam dentro das igrejas e das instituições católicas, berço do conhecimento e da instrução, portanto, saída pessoal e intelectual para o homem que se via recuado frente as decepções sociais que havia sentido. Bem quisto entre os clérigos do Pernambuco, sua reclusão despertou a curiosidade de amigos que haviam sido companheiros da Faculdade de Direito e, mais longe, do Seminário de Olinda. Reconhecido por sua competência intelectual, membros da Diocese vislumbravam em Ibiapina o estandarte para salva o clero da crise pela qual estava passando.

DUARTE, Paulino. *Padre Ibiapina: traços biográficos encontrados no arquivo da Casa de Caridade de Santa Fé, Arara.* Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, 1913.

KIDDER, Daniel Parish. Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do Norte do Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1980

KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos; tradução, Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira; revisão César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto-Ed. PUC-Rio, 1992.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricas e práticas. Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.

Lara, Tiago Adão. *Tradicionalismo Católico em Pernambuco*. Recife: FUNDARPE, 1988.

LOPES, Marco Antonio. *Para ler os clássicos do pensamento político. Um guia historiográfico.* Rio de Janeiro: FGV, 2008. v 1

LOVEJOY, Arthur. A grande cadeia do ser: estudo da história de uma idéia. São Paulo: Palíndromo, 2005

MARIZ, Celso. *Ibiapina, um Apóstolo do Nordeste.* 2ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980.

NOGUEIRA, Paulino. *O Padre Ibiapina.* Revista Trimestral do Instituto do Ceará, 1888. p. 157-220.

SANTOS, João Marcos Leitão. Projeto de pesquisa proposto ao Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina com vistas a realização de estágio pós-doutoral em história do direito. Recife, 2009.

SPEIER, Hans. La determinacion social de las ideas. HOROWITZ, Irving Lois. *História y elementos de la sociologia del conocimiento.* Buenos Aires: Universitária, 1964. Tomo I

STARK, Werner. Los antecedentes de La sociologia Del conocimiento. HOROWITZ, Irving Lois. *História y elementos de la sociologia del conocimiento.* Buenos Aires: Universitária, 1964. Tomo I

TÁVORA, Manoel Nascimento Fernandes. Personalidade Moral e Cívica do Padre Ibiapina. *Revista do Instituto do Ceará,* 1952, p. 241-252.

VEIGA, Gláucio. *História das idéias da Faculdade de Direito do Recife.* Recife: UFPE, 1984. Volume IV

VEIGA, Gláucio. *História das idéias da Faculdade de Direito do Recife.* Recife: UFPE, 1988. Volume V

VEIGA, Gláucio. *História das idéias da Faculdade de Direito do Recife.* Recife: UFPE, 1990. Volume VI